

# OLISIPO

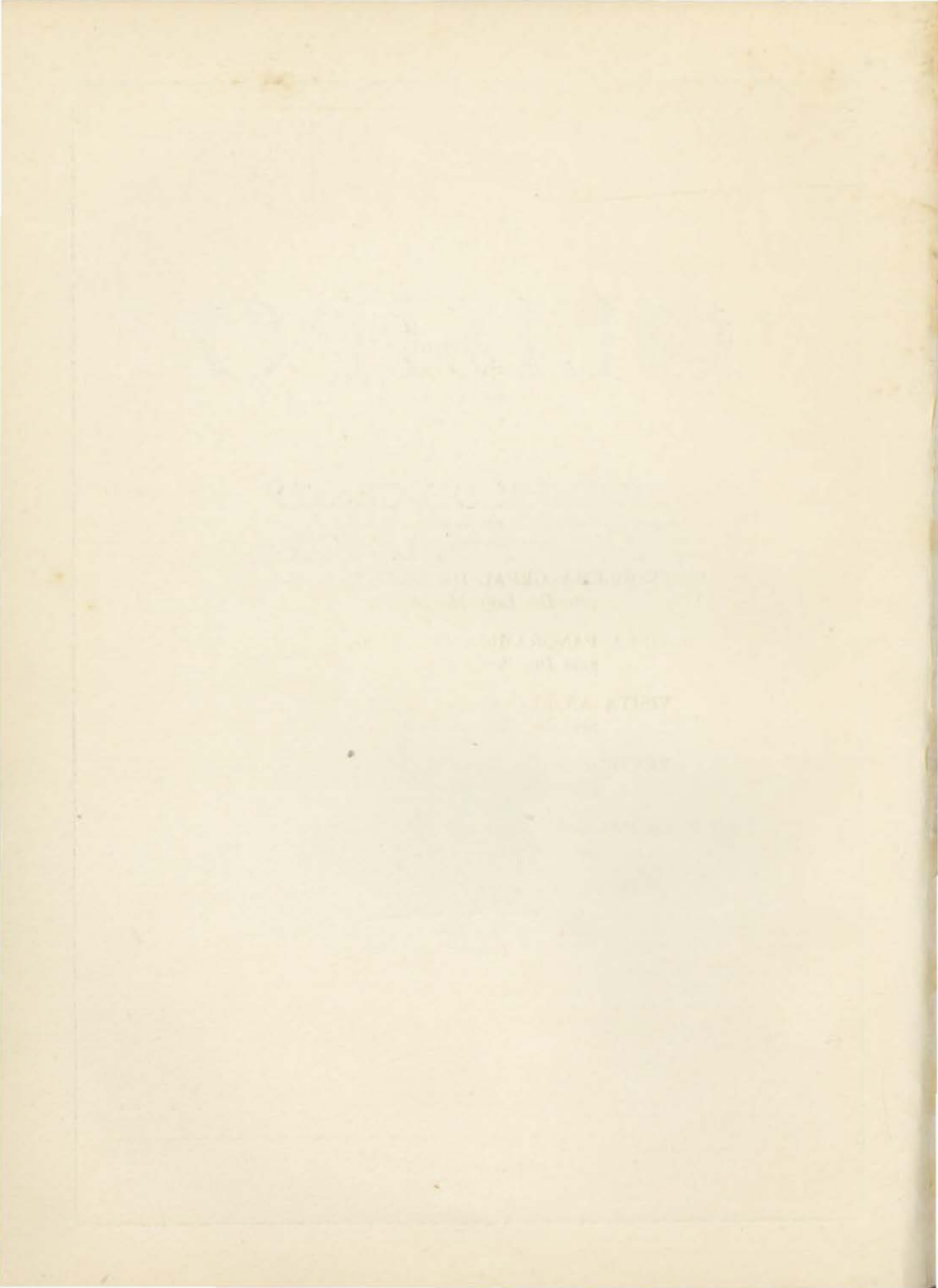
BOLETIM DO GRUPO  
«AMIGOS DE LISBOA»



ANO I

N.º 2

ABRIL 1938



# OLISIPO

BOLETIM DO GRUPO  
«AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA  
VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES  
DIRECTOR TESOUREIRO

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE PROVISÓRIA: LARGO DO CHIADO, 12, 2.º

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAV. DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

## SUMÁRIO

PROBLEMA GERAL DA URBANIZAÇÃO DE LISBOA  
pelo *Dr. Levy Marques da Costa*

VISTA PANORÂMICA DE LISBOA  
pelo *Dr. Perry Vidal*

VISITA ÀS RUINAS DO CONVENTO DO CARMO  
pelo *Dr. Eduardo Neves*

VESTÍGIOS DAS MURALHAS DE LISBOA  
por *Norberto de Araújo*

CRÓNICA  
por *Luiz Moita*

ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO  
Descerramento de uma lápide na fachada do prédio que hoje se levanta  
no local onde teve a sua primeira sede o «Estudo Geral» de Lisboa  
e conferência por *Gustavo de Matos Sequeira*

LISBOA VISTA PELOS ESTRANGEIROS  
(*Dos Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal,*  
de 1908 a 1911), de *Laura Junot, Duqueza de Abrantes*

BIBLIOTECA

AMIGOS DE LISBOA

TODOS OS ARTIGOS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

ESTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SOCIOS



# Problema geral da urbanização de Lisboa

pelo Dr. LEVY MARQUES DA COSTA

O *Grupo dos Amigos de Lisboa* tem diante de si um campo de trabalho vastíssimo, inexgotável, e deve constituir um poderoso auxiliar no estudo e modo de realizar os melhoramentos da cidade, em termos de a colocar na alta posição, que a natureza lhe atribue, como *Metrópole* de um grande Império.

A complexidade do trabalho impunha que desde logo se fixasse em regras definidas o método a seguir para elaboração do plano geral dos melhoramentos.

Foi este método que o *Grupo*, pela sua Comissão de Estética e Urbanização concretizou nas bases de um projecto de lei.

Se a Câmara aceita, no todo ou em parte, as sugestões desse projecto, é de esperar que, por seu turno, se manifeste e acompanhe junto do Governo toda a acção do *Grupo* tendente à promulgação das medidas destinadas à sua conversão em lei.

Há quasi um século que se reconhece a necessidade de subordinar o melhoramento e desenvolvimento da cidade a um plano geral, sem nunca se ter assentado sequer no método a seguir; e disto resultou a execução de planos fragmentários e a prática de erros irreparáveis ou de muito difficil reparação.

É tempo de parar nesta via anárquica.

Não deve o Estado executar obras de urbanização de qualquer espécie sem prévio assentimento da Câmara Municipal, porque só esta tem competência para julgar da sua concordância com o plano geral de melhoramentos.

As grandes obras do pôrto de Lisboa não foram subordinadas a este critério e deram lugar a que todos os terrenos conquistados ao Tejo, desde Alcantara à Torre de Belém fôsem pouco a pouco ocupados em condições nada recomendáveis.

A falta de consideração pelos direitos de Lisboa, cuja área se alargou por espírito fiscal, o desprezo da sua natural tendência de expansão

no sentido do ocidente e da necessidade de lhe criar uma ampla ligação com os concelhos de Oeiras e Cascais, originaram obstáculos quasi insuperáveis. Pedrouços atravancou-se de barracas e prédios construídos ao sabor de mal compreendidos interesses individuais, e, cremos até, com invasão de terrenos públicos, impedindo hoje o prolongamento da Avenida da Índia; a Torre de Belém, essa pérola de arquitectura manuelina, que era e devia tornar a ser uma ilha, foi insultada por oeste com a adjunção de uma bataria rasante, sem valor militar ou com valor militar negativo, e pelo norte com horríveis instalações fabris da Companhia do Gás!

De Algés por diante dominou a mesma falta de critério urbanístico e de gosto. No Dafundo entaipou-se, com uma série de prédios, todo o terreno, ainda há poucos anos livre, próprios para uma fácil e ampla ligação à Cruz Quebrada, vedando-se logo de entrada a passagem com a construção do Aquário.

Em Paço de Arcos, opôz-se ao desenvolvimento natural da povoação a barreira inexpugnável de um pôsto ou abrigo de torpedeiros, reconhecido de absurda localização desde o seu estabelecimento; e agora que os torpedeiros já lá não estão, o obstáculo permanece a dizer: *daqui não se passa!*

Em Oeiras, Carcavelos, Parede, S. Pedro e S. João do Estoril quasi tudo quanto havia livre foi ocupado por construções, que já interceptam numa grande parte e ameaçam interceptar completamente, a vista do mar, e desvalorizaram, sem a menor utilidade, antes com grande prejuízo da colectividade, todos os terrenos interiores.

Não é fácil, num pequeno relato, citar todas as barbaridades perpetradas nessa formosíssima margem de Lisboa a Cascais; mas deve-se expor, com tristeza, a complacência do poder público, que assim deixou medrar a Indústria

da exploração ambiciosa dos terrenos marginais.

Só ficou livre uma via de comunicação — o caminho de ferro, destinado, pela fôrça das circunstâncias, a ter, num futuro mais ou menos próximo, melhor aplicação.

Em Lisboa os estudos de detalhe por iniciativa de autênticos amigos da cidade são já importantíssimos e têm acordado algumas vezes o sono letárgico do poder público. Vieira da Silva, Matos de Sequeira, Couto, Pastor de Macedo, Mac Bride, e muitos outros, são devotados trabalhadores que todos os dias esclarecem a opinião, ensinam a história da cidade, salvam monumentos da acção iconoclasta dos indiferentes e dos ignorantes e trazem novos materiais para a obra de salvação e progresso a que os *Amigos de Lisboa* desinteressadamente se consagram.

Mas é necessário mais, e êles assim o entendem.

É necessário um plano de conjunto que abranja, de certo modo, os concelhos limitrofes, cuja relativa autonomia não pôde conferir autoridade

para prejudicar a obra de urbanização da cidade de Lisboa e seu têrmo.

Compreende-se a dificuldade do problema no momento actual.

Não a desconheciam os *Amigos de Lisboa* quando o Sr. Presidente da Câmara Municipal descreveu a situação. Não existe um plano geral de melhoramentos, e não é possível suspender os trabalhos de construção civil até que êle se elabore. É, pois, necessário regulamentar êste período transitório consentindo, sim, na construção, mas sem prejudicar o futuro.

Pretende-se agora construir o Palácio de Justiça. Bem está!

¿ Mas onde deverá ficar ?

E claro que a localização dêste edificio compete exclusivamente à Câmara Municipal, quaisquer que sejam as entidades encarregadas de estudar e executar a obra.

Nunca é demais insistir na necessidade de reconhecer que só a Câmara tem poderes para executar o plano da cidade e obstar à execução de obras que possam prejudicá-lo.

Lisboa, 15 de Março de 1938.



# Vista panorâmica de Lisboa

## datada de 1763

pelo D.<sup>OR</sup> FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

COMEÇOU há anos o ilustre escritor, Sr. Engenheiro Augusto Vieira da Silva, a coligir notícias referentes à *iconografia* da Capital, inserindo alguns dos seus primorosos artigos na revista de história e de arte *Elucidario Nobiliarchico*, Vol. II, publicando na revista que a esta succedeu, denominada *Armas e Troféus*, mais um artigo dessa mesma série. A vinda à luz de tão interessantes trabalhos e saber eu que S. Ex.<sup>a</sup> prepara nova publicação sobre o assunto dispensa-me de fazer referências maiores aos documentos conhecidos e já assim estudados por pessoa tão competente. Limitar-me-ei, pois, a vir trazer a público mais uma vista panorâmica da nossa capital, que julgo inédita e absolutamente desconhecida.

É ocasião de agradecer ao seu possuidor, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Armando Porfírio Rodrigues, digno Conservador do Palácio Nacional da Ajuda, o obséquio de me ter dado conhecimento dessa famosa espécie, a seqüente autorização de a fazer fotografar e ser o objecto do presente estudo.

Consta êsse admirável documento, que abrange a margem direita do Tejo desde a Torre do Bugio até ao Beato, o próprio rio e, em certas partes, também um pouco da margem esquerda, de duas tiras de cartolina que, juntas, medem 5<sup>m</sup>,720, pois tem a primeira 2<sup>m</sup>,920 e a segunda 2<sup>m</sup>,800, por 0<sup>m</sup>,470 e 0<sup>m</sup>,476 de altura, respectivamente. Estas duas fôlhas encontram-se rematadas por varas de madeira sobre que se enrolam e em magnífico estado de conservação.

Cada uma das partes tem o seu título, que vou transcrever, e de cada lado da legenda vêm-se duas colunas com as indicações dos

edifícios a que os números, a êles juntos, se referem.

Diz a primeira: «*Vue et Perspective du Tage et de l'entrée de la Barre de Lisbonne, prise depuis la Tour Sam Juliam jusques et Compris le Fauxbourg, et porte d'Alcantara, et Couvent de Necessidades. Dedié à Monsieur Charles Albert guillerm de Colson, Conseiller de la Cour de Son Altesse Serenissime Monseigneur le Comte de Schaumbourg lippe Marechal general des Armées de S. M. T fidele Par Son tre humble et tre affectionné Serviteur Bernard de Caula*».

A segunda legenda diz: «*Vue et Perspective de la ville de Lisbonne prise du fauxbourg d'alcantara jusque et Compris le fauxbourg de la Madre de Deos et Le Couvent du beat antonio Dedié a Monsieur Charles albert guillerm de Colson Conseiller de la Cour de Son Altesse Serenissime Mgr. le compte Regnant de Schaumbourg Lippe Marechal General de L'armee de Sa M. Ft en 1763 par son très humble et très affectionné serviteur Bernard de Caula*».

Como se vê, estas legendas, em francês bem mau, revelam ter sido escritas por pessoa pouco feita áquele idioma.

No alto das «cartouches» que encerram os títulos vê-se um brasão esquartelado: 1.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup>: de azul, leão rompante de . . . . . ; 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup>: de prata, nove cunhas de . . . . ., 3, 3, 3; elmo fechado, virado  $\frac{3}{4}$  à esquerda; timbre: braço armado segurando . . . . . (armas da família Colson?).

Para completar a informação sobre esta espécie resta-me dizer que não é ela o original, que em Maio de 1886 estava na posse de S. A.

o Príncipe Adolfo de Schaumbourg-Lippe<sup>(1)</sup>; mas uma cópia fiel naquela data feita por Hermann Schütte, em Hannover, para o Consul de Portugal naquela cidade, o Doutor em jurisprudência Königswarter, conforme se vê escrito em uma linha, fóra da tarja e por baixo das legendas, em cada uma das duas partes, com pequenas diferenças, que aqui vão acusadas: «*Nach dem im Besitz Sr Durchlaucht des Fürsten Adolf von Schaumburg-Lippe besindlichen Originale auf Veranlassung des Königl. Portug. Königlich Portugisischen Consuls in Hannover Dr. jur Königswarter getreu co-*

*pirt* } *von Hermann Schütte, Hannover im Mai 1886».*

O desenho, feito à pena, com tinta castanho-escura, aguarelado a castanho de vários tons, mais geralmente claros, e por vezes a cinzento, é perfeitíssimo, correcto e bem detalhado, dando a impressão de muito verdadeiro. É preciso, no entanto, tomar em linha de conta que, tendo sido impossível ao autor abranger todo aquele vasto panorama dum ponto único, êle o terá tirado de várias posições em que, ao longo da margem sul do Tejo, se terá colocado, e assim dar o desconto das diversas perspectivas que colheu para tão larga execução.

## Primeira parte da Vista Panorâmica

Esta primeira parte, que ao tempo da execução só contava uma pequena parcela de Lisboa, pròpriamente dita, compreende, de êste para oeste, da Pampulha até à Torre do Bugio, mostrando a larga entrada do pôrto da Capital e a margem esquerda, fazendo terminar a margem direita na foz do Tejo, isto é: na Torre de S. Julião da Barra. Contudo, deixando adivinhar a vasta Baía de Cascais, aponta ainda Carcavelos, visto de longe e, poderia dizer, pelas costas.

Antes de prosseguir num mais atento exame desta primeira parte, vou reproduzir as quatro colunas em que, com seus números indicativos, se descrevem os principais pontos assinalados, colunas que, como já disse, estão dispostas duas de cada lado da legenda.

1.ª columna:

- 1 Tour Sam Juliam
- 2 Tour de Bugio
- 3 Carcavelles

2.ª columna:

- 15 Palais de la dt.º quinte et demeure de S. A. S. Mg.º le conde de la Lippe

(1) Ainda há pouco existia êsse original na mesma casa principesca, conforme me referiu o meu illustre amigo e consócio, Ex.ª Sr. Mário de Sampaio Ribeiro, que por intermédio de pessoa amiga obteve em fotografia a reprodução de uma pequena parte dêle, referente a Algés.

- |                                |                               |
|--------------------------------|-------------------------------|
| 4 Oeyras                       | 16 Marquis de Tancos          |
| 5 Paço d'Arcos                 | 17 tour de Belem              |
| 6 Caxies                       | 18 Couvent de bom Soccesso    |
| 7 Boa Viagem                   | 19 Conde Baron                |
| 8 St.ª Catharina               | 20 Marquis de Marialva        |
| 9 St. José de Tibemar          | 21 Couvent et quinta de Belem |
| 10 D. luiz de Portugal         | 22 ville de Belem             |
| 11 Fort d'argels               | 25 Palais e qt.ª de Belem     |
| 12 Duc de Cadaval              | 24 Pateo das Vacas            |
| 13 Pedroza                     | 25 Alculena                   |
| 14 Qt.ª velha du Conde S. Iago | 26 Calçada da ajuda           |
|                                | 27 Conde de Oeyras            |

3.ª columna:

- 28 Palais de N.ª S.ª da ajuda ou Se tient present la Cour
- 29 Duchessa d'abrantes
- 30 Comte de aveiras
- 31 Junqueira
- 32 Prince de Meklenburg
- 33 Contesse da Ega
- 34 Diogo de Mendonça
- 35 Pates de Saldanha
- 36 Palais du Patriarcha
- 37 Comte de Ribeyra
- 38 Comte almirante
- 39 Eglise et f.ª. S. amar
- 40 Comte d'aponte

4.ª columna:

- 41 Calvario
- 42 fauxbourg d'alcantara
- 43 N.ª S.ª das necessidades
- 44 N.ª S.ª da Boa monte
- 45 N.ª S.ª do livremento
- 46 Buenos ayres
- 47 Couvent do Sacramento
- 48 Pampouille
- 49 trefarias et pointe de Sable
- 50 tour velha
- 51 Porto Brandon
- 52 q.ª do Comte d'acunha
- 53 arrabida
- 54 fonte da Pipa.



Começando agora a estudar esta primeira parte da Vista, da foz para montante, vejo depois do Bugio (2), entre barcos à vela, a Torre de S. Julião (1), ambas com enormes bandeiras hasteadas; como já disse, ao longe, Caravelos (3) e, logo, parte da vila de Oeiras (4), com a sua igreja. Junto à praia, Paço d'Arcos (5), Caxias (6) e mais para dentro o Convento dos arrábidos da Boa Viagem (7). Depois, assinala-se num alto o hoje desaparecido convento de Santa Catarina (8), com algumas casas juntas. Segue-se, na praia, um forte em ruínas e, depois de algumas edificações, a meia encosta, o convento de S. José de Ribamar (9), com muito arvoredado, que ainda existe, em parte transformado, adquirido pelo 2.º Conde de Cabral e é hoje da Casa Foz, por casamento. Também hoje da mesma nobre Casa é o palácio a seguir (10) que na 1.ª coluna se indica ser ao tempo a moradia de D. Luis de Portugal e, no seu «Portugal Antigo e Moderno», diz Pinho Leal ser um palácio dos Condes de Lumlares. Este D. Luis de Portugal deve ser o que D. António Caetano de Sousa nas «Memórias Históricas e Genealógicas...» ed. de 1755, pág. 356, diz ter nascido em 18 de Setembro de 1701, ser comendador de Cacela e de Fronteira, Coronel e Brigadeiro da Praça de Setúbal e depois General de Batalha e Governador da Torre de S. Julião da Barra, filho de Bernardo de Vasconcelos (e neto de Luis de Vasconcelos e Sousa, 3.º Conde de Castelo Melhor) e de D. Maria Madalena de Portugal, administradora da Comenda de Fronteira na Ordem de Aviz, casado a 19 de Fevereiro de 1719 com D. Inácia de Rohan, Dama do Paço (filha dos 2.ºs Condes da Ribeira Grande), com grande número de filhos.

A pouca distância, e não longe da praia, um forte, hoje desaparecido, diz a legenda ser o «Fort d'argels» (11), provavelmente de Algés, e uma edificação quadrangular que de perto se lhe segue, com o telhado pontegudo e varanda, pareceria a conhecida Torrinha, que à travessa deu o nome, se estivesse mais próxima do mar. A menos que a inconstância das águas tivesse pouco depois feito diminuir a arenosa praia, que actualmente se vê como estaria então, dando espaço à largura da Rua dos Cordoeiros, prédio que se lhe segue, via férrea

e praia de banhos. Isto digo por ter tido de renda, pelo segundo quartel do século passado, aquela Torrinha meu bisavô, *Giacomo Gaetano* Rafael *Antonio* Gavazzo, que de Lisboa para ali se fazia transportar embarcado, com sua mulher e sobrinha, D. Isabel Delfina Gavazzo Radich, e seus 12 filhos, e ser tradição baterem as águas nesse tempo nas paredes da pequena torre.

Depois, o n.º 12, indica o aglomerado Cadaval, com capela, há muitos anos desaparecida por incêndio, palácio e celeiros, ainda felizmente intactos. Do palácio faz larga descrição o Sr. Malheiro Dias num dos seus belos livros. Logo adiante, numa rua de certa largura, com várias moradinhas que vêm até à Praia, se vê o n.º 13, que a legenda diz ser «Pedroeza», isto é: Pedrouços, aquele velho local onde é fama ter vivido depois dos seus aventureiros anos do Oriente Fernão Mendes Pinto, de que fala um poeta em certa produção latina, raríssima hoje, dedicada a um Duque de Cadaval, de que em tempos tive um exemplar, com que brindei o actual Senhor Duque de Lafões, meu querido amigo e descendente tão próximo da Casa de Cadaval.

Esse Pedrouços, mui largamente indicado, que há seus setenta anos era a praia do bom tom lisboeta, conservando por muito tempo ainda o seu poderio fidalgo, é tratado com carinho, embora passageiramente, nas memórias adoráveis que deixou a Senhora Marquesa de Rio Maior, que ali viveu nalguns anos da sua meninice, e foram publicadas pela ilustre poetisa, a Senhora D. Branca de Gonta Colaço.

Suponho ver sobre a praia o velho Forte da Areia, a que o desenhista não alude, talvez por já no seu tempo estar desmantelado. Seguindo a Rua Direita, perfeitamente visível, localiza-se a «Quinta Velha» (14), tomada de aluguer pelos Condes de São Tiago aos Cadavais, com o grande edifício de dois pisos que, com nove janelas, se destaca muito bem (15) e Bernardo de Caula assinala ser o palácio da dita quinta e residência naquela ocasião de Sua Alteza Sereníssima o Senhor Conde de Lippe. Essa casa, dentro de um grande pátio, com uma quintarola para trás, é de há muito conhecida por «Palácio do Pátio de D. Fernando», e sempre ouvi dizer que pertencia à Casa Cadaval. Ali viveu, antes

de ir para Nápoles, onde morreu, meu trisavô (e bisavô também), Baltazar Radich, natural de Ragusa, autor dum tratado sôbre alfândegas e de uma memória dedicada a El Rei D. João VI acêrca das vantagens de relações comerciais de Portugal com a Abissínia, casado em Lisboa com D. Maria Brígida Gavazzo, natural de Génova, pais da minha já referida bisavó, D. Isabel Delfina, e de minha avó paterna, D. Maria das Neves Gavazzo Radich, casada em Santa Marinha de Gaia com meu avô, Frederico Minio Perry Vidal, engenheiro que foi da Sereníssima Casa de Bragança, autor de um Mapa de Portugal, com 6 edições, de duas plantas de Lisboa, de uma do Pôrto, de outra de Estremoz, etc., formado pela Escola Naval de Veneza e nascido na Praça Forte de Treviso, de que seu pai, António Perry Vidal, era o Governador, em 4 de Dezembro de 1810.

Avançando um pouco mais para o nascente vejo agora um grande palácio (16), em dois corpos diferentes, grandes terraços e, em frente de parte dêles, um parque murado sôbre a areia da praia. A legenda diz apenas: «Marquis de tancos». Mas nem tanto era preciso para logo o conhecer e identificar, pois ainda hoje está tal qual e assim me lembro dêle desde os meus quási quatro anos de existência.

Segundo ouvi, parece que já aquela casa era residência real em arredados tempos do Senhor Rei D. Denis. Tendo sido sempre do Estado, foi ela conhecida durante centenas de anos por «Casa dos Governadores da Tôrre de Belem» e, com efeito, quási uma dinastia de Condes da Atalaia, que tinham êste cargo, ali terão vivido, pelo menos temporariamente. O primeiro Manuel que aparece com tal cargo, segundo D. António Caetano de Sousa, loc. cit., págs. 289, é D. Luis Manuel de Tavora, 4.º Conde da Atalaia, nascido em 1646 e morto em batalha em 1706. Seguem-se-lhe: seus filhos, D. Pedro Manuel e D. João Manuel de Noronha, respectivamente 5.º e 6.º Condes da Atalaia e êste: 1.º Marquês de Tancos; e o marido de sua neta, 7.ª Condessa da Atalaia, 2.ª Marquesa de Tancos (e Duquesa depois de viuva, Camareira-Mor), D. Constança Manuel, o Marquês D. Duarte António da Câmara, Conde de Aveiras pelo seu 1.º casamento com a herdeira desta casa, conforme se vê no ma-

nuscrito inédito, da minha colecção: «Memórias Para Acrescentar no Livro dos Grandes de Portugal. Ano de 1814», págs. 35.

Dos 2.ºs Marquêses de Tancos e 7.ºs Condes da Atalaia foi filho D. José Manuel, 8.º Conde, falecido em vida de seus pais, vindo a suceder na casa a irmã dele, D. Domingas Manuel, 3.ª Marquesa de Tancos e 9.ª Condessa da Atalaia, que casou em vida de seus pais com o 10.º Conde de Vimioso, falecido sem deixar sucessão, e veio a sua viuva a casar segunda vez, ainda herdeira presuntiva, em 1774, com D. António de Menezes e Noronha (filho dos 4.ºs Marquêses de Marialva), que assim foi o 3.º Marquês de Tancos e teve o lugar de «Tenente da Tôrre de S. Vicente de Belem» (cit. ms., págs. 37), de quem foi filho primogénito D. Duarte Manuel e Noronha, 10.º Conde da Atalaia e 4.º Marquês de Tancos, Senhor de tôda a Casa e comendas de sua mãe, casado e com geração.

Creio que o último Governador que terá usufruído êste palácio para sua residência, terá sido o 1.º Duque da Terceira, 1.º Marquês e 6.º Conde de Vila Flor. O Marquês de Fronteira, nas suas Memórias, há anos publicadas, ajudante de Terceira, várias vezes fala da casa de Pedrouços. Recebendo o Duque da Terceira aquele cargo a 5 de Março de 1834<sup>(1)</sup>, antes ainda da sua morte (que se deu em 1860) foi o palácio vendido pelo Estado em 1854. Ora antes disso fôra êle habitado em alguns verões pelos Príncipes, Senhores D. Pedro e D. Luís, ambos depois Reis de Portugal, que o aproveitavam por estar próximo da praia onde então tôda a Côrte tomava banhos, conforme me disse, há muitos anos, o Sr. Pedro de Alcântara, Particular do Paço, filho natural do Imperador, e, como tal, sempre tido em muito apreço pela Real Família. E disse-mo êsse Senhor naquela própria casa, no maior dos seus salões, que, juntou: «era a sala de bilhar de Suas Altezas» e onde êle estivera muitos anos atrás.

É curioso que, posta à venda a casa tantos anos habitada por Manueis, fôsse seu adqui-

(1) Vid. «Memorias Historico — Genealogicas dos Duques Portuguezes do Seculo XIX», por João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Tôrres e Visconde de Sanches de Baena, Lx.ª 1883, pág. 242.

rente ainda um Manuel, dum ramo segundo dos Atalaias; nada menos que o 2.º Conde e 2.º Marquês de Viana, neto da 3.ª Marquesa de Tancos, de que acima falei, e portanto sobrinho do 4.º Marquês de Tancos, D. Duarte Manuel.

Nasceu o 2.º Marquês de Viana<sup>(1)</sup> no Rio de Janeiro, a 25 de Janeiro, de 1810 e veiu a falecer na casa de Pedrouços, talvez em 1892, depois de ter vivido faustosamente, dando festas esplendidas no seu Palácio do Rato, que teve de alienar, passando então a viver com sua mulher, D. Maria do Carmo da Cunha Quintella (filha do 4.º Conde da Cunha, meia-irmã do 5.º Conde, D. Guterre, e neta materna do 1.º Barão de Quintela, sendo assim sobrinha do 2.º Barão, 1.º Conde de Farrobo, tão conhecido em Lisboa pelo brilho em que viveu) e com suas duas filhas, primeira e terceira, D. Ana e D. Maria do Carmo, que a segunda, D. Maria, falecera muito antes, em 1852.

Dêsse fausto vivido no Rato dão ideia alguns artigos publicados no jornal «L'Abeille», para que remeto o leitor curioso.

Adquirido o palácio para residência na época dos banhos, depois da estada por Julho e Agosto em S. Pedro de Sintra, os Marquesses de Viana foram afinal acolher-se a Pedrouços após a derrocada inevitável, ali morrendo ambos, a Marquesa em 1888, e, por fim, as duas filhas, D. Maria do Carmo, a mais nova, em 1908 e D. Ana, em Março de 1910.

Estas duas senhoras, embora muito instruídas, foram sempre fracas de espírito e ficaram, à morte de seu pai, dadas por interditas, sob a tutela de um administrador, o Sr. Joaquim Ladislau de Moraes. Depois do falecimento do Marquês entendeu o tutor ser acto de boa administração alugar parte do palácio, aqueia que tem para a frente um só piso e para trás um formoso e grande terraço, sôbre que deitam onze janelas sacadas. A outra parte, em dois pisos, com a capela, ficou reservada a moradia das duas senhoras, que ali viviam absolutamente abandonadas da família, com al-

guns criados, envelhecendo e aumentando o seu estado nervoso em triste clausura.

Foi a parte do nascente que meus Pais arrendaram em Junho de 1893, para ali indo residir com seus filhos, onde deram algumas lindas festas, onde veio a falecer minha avó materna, D. Maria Cristina Radich Romano, viuva de meu avô, seu primo, Francisco de Paula Gavazzo<sup>(1)</sup>, em 1901; donde casou minha Irmã, em 1909; em que faleceu meu querido e saudoso Pai, em 15 de Abril de 1910, contando 63 anos de idade, e donde minha Mãe se mudou em Dezembro dêsse ano para a Casa de São Marçal, onde desde então habita.

Na parte reservada às proprietárias havia alguns bons móveis e a casa tinha uma curiosa e amplíssima cosinha com duas enormes chaminés, uma para as viandas, outra para os postres. Num pequeno pátio interior havia dois pòcos de boa água; o extremo ocidental da propriedade era ocupado por uma pequena horta, e um terraço com canteiros cercava pelo sul e pelo poente o andar nobre do edificio, rematando ao norte por um pequeno torreão. O vasto pátio de entrada, com algumas antigas árvores, dava ingresso à capela, à grande cosinha, à parte arrendada por meu Pai, e ainda a uma dependência, sôbre a cosinha, desde muito alugada ao architecto indio Luis Caetano Pedro d'Ávila que, com sua mulher e filhas, ali veraneava. Junto ao pátio, fazendo esquina para a Travessa do Bom Sucesso, ficavam as cocheiras, muito amplas e também alugadas a estranhos, por inúteis. A entrada principal fôra pela Rua da Praia, por belo portão a que se seguia uma linda escada aérea, revestidas as paredes de bons azulejos de batalhas, vendo-se também dêstes belos ornamentos nos terraços e em vários dos aposentos. Dêstes, no andar nobre só a sala de visitas e algum outro gabinete estavam bem mobilados. Em cima, nos aposentos privados das duas velhas senhoras, havia um certo confôrto e, numa sala de estar, com quatro lindas janelas, de esquina, e correspondente à sala de visitas do 1.º andar, um bom retrato, em busto, da irmã falecida.

(1) Vid. «Resenha das Familias Titulares e Grandes de Portugal», por Albano da Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Baena, Vol. 2.º, pág. 728.

(1) Um daqueles 12 filhos, atrás citados, de meus bisavós, Rafael Gavazzo e D. Isabel Delfina Gavazzo Radich.

Mas era nesse salão que dava para o terraço que estavam belos quadros, de que tão bem me lembro. Dos lados do fogão de mármore os retratos dos 2.<sup>os</sup> Marquesses, em novos, tamanho natural, pintados em Paris por Dubeffe, com largas molduras doiradas, e que a fatalidade separou, indo o do Marquês, à morte da última filha, para casa de seu primo, o Sr. Pedro da Gama Berfuó, oficial de marinha, e o da Marquesa para a posse de sua meia irmã, filha do 2.<sup>o</sup> casamento do 4.<sup>o</sup> Conde da Cunha, D. Joana Ludovica Vasques Bulhão da Cunha, que veio a ser herdeira de suas sobrinhas e tão velha era como elas, já quasi cega quando herdou aqueles bens. Por sua morte, o quadro peregrinou, ou pouco depois, pelos ferro-velhos, foi parar às Cruzes da Sé, depois ao Kruss, da Trindade. Ali o encontrei muitos anos volvidos. Alguns porém, depois, visitando o meu excelente amigo, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Xavier de Orey Quintella, tive o gôsto de ver na sua sala de honra o retrato da que fôra a linda 2.<sup>a</sup> Marquesa de Viana, vestida de negro, cintura curta, alabastrino colo e formoso penteado de laçadas. A beleza do character, a piedade pelo retrato daquela infeliz parenta, atirado em suas galas para as paredes dos bric-a-bracs moveram êsse meu amigo a adquirir o retrato daquela Senhora, tão falada, tão discutida, tão invejada e por fim, na decrepitude, tão ridicularizada. No mesmo salão vi um grande quadro em que está retratado o 1.<sup>o</sup> Barão de Quintella com sua mulher e filhos e dois formosos cobres de António Manuel da Fonseca, representando o 1.<sup>o</sup> Conde de Farrobo, ferido num desastre de caça, com muitas pessoas em roda.

Dois outros grandes quadros a óleo faziam, sôbre o sofá, frente aos dos Marquesses. E contrastavam entre si, embora ambos muito belos. Tamanho natural. Cada um porém representando uma senhora, mostrava-as de idades diferentes. Num dêles, uma figura esbelta de rapariga, quasi uma criança, lindíssima, em vestido branco, vaporoso, representava a irmã única do 2.<sup>o</sup> Marquês de Viana, D. Maria Domingas Manuel de Menezes, filha dos 1.<sup>os</sup> Marquesses, que em 1847 casou com José Maria da Gama Berquó, filho dos 1.<sup>os</sup> Marquesses de Cantagalo, no Brasil, falecida em Atenas, em 1859, com 37 anos de idade. O outro, talvez

pintado na mesma ocasião, representava uma serena senhora de meia-idade, em tons sombrios de rendas escuras e era o da mãe dessa menina, da 1.<sup>a</sup> Marquesa de Viana, D. Ana de Castelo Branco, filha dos 1.<sup>os</sup> Marquesses de Belas. Esta última indicação a devo à amabilidade de seu bisneto, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luis Machado de Castelo Branco Berquó, meu presado amigo, conservando-se em casa de Sua Mãe, a Ex.<sup>a</sup> Senhora D. Maria Ana Machado de Castelo Branco Berquó, viuva do ilustre Oficial da Armada, acima referido, essas duas telas encantadoras.

Ainda outros três retratos a óleo se viam nesse belo salão. Um, era o do célebre ministro D. Luis da Cunha, enorme, sentado o ilustre político a uma mesa de trabalho, retrato que a Senhora D. Ana Ludovika deu ao falecido Marquês da Foz e várias vezes tenho voltado a ver em Ribamar, no palacete do meu presado amigo, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde da Foz. Os outros dois eram: um, de meio corpo, do 1.<sup>o</sup> Conde de Farrobo, se não estou em êrro tirado em Inglaterra; e o outro, tela que não teria mais de um metro de altura, representava, de corpo inteiro, calças claras e casaca preta, o 2.<sup>o</sup> Marquês de Viana na juventude. Também há anos voltei a ver êsse quadro em casa do falecido Júlio Mardel.

Alguns anos depois volvi a essa casa em que tão felizes tempos passei. ; Que confrangimento ! ; Dela, um espanhol de apelido Cárdenas, tinha feito uma fábrica de rólhas !

Êste palácio foi deixado por D. Joana da Cunha à falecida senhora Marquesa de Rio Maior e por esta ao seu actual dono, o Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. José Luis de Saldanha.

Continua-se com a descrição da Vista Panorâmica.

Logo abaixo da casa acabada de descrever se vê a Tôrre de Belem (17), bem diferente na verdade do que ela é. Seguindo a linha das edificações, vê-se a cúpula da Igreja de N.<sup>a</sup> Senhora do Bom Sucesso (18) e as casas do Convento de freiras dominicanas irlandesas, fundado em 1626 por D. Iria de Brito, que foi primeiramente Condessa da Feira pelo seu casamento com D. Manuel Pereira, 4.<sup>o</sup> Conde da Feira (s. g.), filha herdeira de João de Brito, e

segunda vez casada com D. Francisco Manuel, 1.º Conde da Atalaia, também sem sucessão. E a seguir (19), com quinta sôbre o Tejo, diz a legenda ser moradia naquela época do Conde Barão [de Alvito], o 11.º Barão de Alvito e 5.º Conde da Oriola, D. Fernando José Lobo, nascido a 21 de Setembro de 1727, e que casou a 18 de Janeiro de 1753 com sua prima D. Ana Xavier de Assis Mascarenhas, filha dos 3.ºs Condes de Óbidos<sup>(1)</sup>. Aquela residência fôra dos Correios-Mores e por um dêles vendida a El-Rei D. João V, sendo a propriedade mais para leste que êste Rei adquiriu na margem do Rio, ao pensar estender até ali os vastos jardins do seu projectado paço a construir na Ajuda, e que por D. José I, após o terremoto, lhe terá sido dada para residir.

Segue-se-lhe a Quinta da Praia (20), já dada para igual fim aos Marialvas<sup>(2)</sup>, destruído pelo terremoto o seu palácio do Loreto e talvez também uma casa que possuíam por alturas da Pampulha<sup>(3)</sup>, quinta que fôra também objecto de compra real para o mesmo fim, feita à Casa de S. Lourenço. Vê-se que também tinha porta para o Tejo e já acusa umas vigias, ou baluartes, alguns dos quais ainda subsistem. Não se lhe percebe o palácio, cuja frente seria para o cais que ali se vê, encontro na Vista Panorâmica em azulejo existente no Museu de Arte Antiga e vem reproduzida no artigo em que faço referência na nota abaixo. Condizendo com essa arquitectura se mostra o palácio numa gravura em madeira de raríssimo folheto que supomos ser de Tomás Pinto Brandão, versalhada à ponte que em Belem se construiu para

(1) Caetano de Sousa, Memórias dos Grandes, ed. de 1755, pág. 447.

(2) O Sr. Engr.º Vieira da Silva diz que D. João V deu a Quinta da Praia, depois de 1729, ao 4.º Marquês de Marialva e dos Marialvas passou, por herança, aos Loulês, que a venderam em 1929. Vid.: «Armas e Troféus», pág. 82, Artigo: «Panorama de Lisboa em Azulejo...»; mas o facto é que de 1729 até 1755, e mesmo depois ainda, não aparecem Marialvas habitando a Real Quinta da Praia, nos Rois de Confessados da Freguesia da Ajuda.

(3) Deu-me notícia desta casa dos Marialvas à Pampulha o meu Ex.º e erudito amigo e consócio o Sr. Mário de Sampaio Ribeiro.

por ela entrar D. Mariana Vitória de Bourbon, quando veio casar com o futuro Rei D. José<sup>(1)</sup>.

Por detraz destas duas últimas residências nobres que acabámos de indicar corre todo o edificio monumental dos Jerónimos e a sua formosa igreja (21), devendo dizer que muito mal representados um e outra, mostrando pela encosta arriba a sua grande cêrca e, no alto, a ermida de São Jerónimo.

O número 22, que a legenda diz: «ville de Belem», mostra várias casas junto à margem, ficando-lhe sobranceiro o «Palais et q.ª de Belem» (23)<sup>(2)</sup> com certas parecenças do que ainda hoje é em parte. Sobreposto aos Jerónimos, adivinhando-se a Calçada do Galvão, encontra-se o Palácio do «Pátio das Vacas» (24) e, mais um pouco para cima e para o poente, um logarejo com sete casas, que a legenda inculca ser Alcolena (25). Repetido, o número 26, indica já a Calçada da Ajuda», da legenda, partindo do final do palácio que fôra dos Aveiras e subindo a encosta até ao Palácio do Conde de Oeiras (27) e dali para cima, até ao Paço da Ajuda. Êste, bem demarcado, mostra ser o palácio abarracado de madeira, construído a seguir ao terremoto (28), com a grande edificação, para o nascente, do Paço Velho, antigo Palácio dos Condes de Óbidos e hoje Quartel da 5.ª Companhia da Guarda, com sua quinta arborizada e murada, o actual Jardim Botânico. E para o lado do Nascente lá se vê a torre sineira da Patriarcal, e a igreja paroquial da Ajuda, inumeradas ambas, esboçando-se um largo que veio a ser o actual Largo da Ajuda. Em frente do Paço, em soalcos, o que é hoje a Alameda dos Pinheiros e terrenos em declive até à rua ora chamada «da Bica do Marquês».

Um pouco para baixo do largo referido, pelo lado direito da rua que hoje se chama de D. Vasco (e o meu Ex.º Amigo e erudito investigador Sr. Conde da Folgosa me disse ter

(1) Esperamos em breve revelar em artigo esta gravura, que julgamos desconhecida de certos investigadores encartados...

(2) Repetido mais acima, indicando a quinta, com arvoredos, do palácio.

visto em documentos chamar-se em tempos: «Calçada de D. João»), se vê a casa da 1.<sup>a</sup> Duquesa de Abrantes (29), que tal título recebeu após o seu segundo casamento, em 1757, a 20 de Fevereiro, celebrado em Salvaterra, com o Senhor D. João, filho natural do Infante D. Francisco, irmão de D. João V, sem geração; conservando-se ainda este palácio de pé, porém pobremente alugado (1).

Na mesma seqüência, um pouco mais abaixo, julgo ver o palácio que deve ter sido construído por D. Pedro da Câmara de Figueiredo Cabral, veador da Rainha D. Maria I, 15.<sup>o</sup> Senhor do Morgado de Belmonte, que nasceu em 1732 e faleceu em 1794, tendo casado em 1765 com D. Mariana de Menezes (filha do Senhor da Casa de Valada), pais do 1.<sup>o</sup> Conde de Belmonte. Um pouco mais abaixo, e á direita, parece-me ver, já levantada, a nova igreja com o Convento da Boa-Hora dos padres agostinhos. Depois ainda, um palacete torreado, com frente ao sul, diz a legenda ser a moradia do Conde de Aveiras (30). Este seria o 6.<sup>o</sup> Conde de Aveiras, Francisco da Silva Telo e Menezes, nascido no 1.<sup>o</sup> de Janeiro de 1725 e falecido a 6 de Janeiro de 1808, depois de viuvo cinquenta e cinco anos, pois a Marquesa sua mulher, D. Bárbara José da Gama (Niza), falecera em 1753, dez anos depois do casamento. É essa casa a que ainda hoje conserva em duas das portas as armas dos Sousas Calharizes, pertenceu a D. Manuel de Sousa, 7.<sup>o</sup> Capitão da Guarda real alemã e ali terá vivido desde que voltou de Viena, e onde casou em 1735 com a Princesa Maria Leopoldina de Holstein Beck, morrendo preso de Estado por suspeito de conivência no atentado contra El-Rei D. José, das feridas causadas pelos grilhões, que os seus restos ainda conservavam no túmulo em 1831 (2). Nessa casa, confiscada ao Calhariz e pelo Estado alugada ao Conde de Aveiras, foi que se instalou mais tarde a Câmara Municipal de

Belem, de efêmera duração, sendo-lhe então feitas obras. O seu primeiro Presidente foi Herculano, de 25 de Janeiro de 1854 a 17 de Novembro de 1855. Da época dessas obras deve ser o teto de uma das salas, com um extraordinário brazão concelhio, que ostenta a Tôrre de Belem e o retrato de Vasco da Gama!

Voltando à ampla praça onde desemboca, ao norte, a Calçada da Ajuda e começa para o poente a Rua de Belem e, para o nascente, a Rua da Junqueira, nota-se na Vista um grande cais de embarque, com a sua ponte. Depois, subindo o Rio, junto à margem, três vezes encontro o número 31, indicando o longo sítio da Junqueira e mais uma vez se adivinha, por entre o casario, uma extensa rua, que ainda hoje perpetua aquele nome, tão interessante pelos seus belos edifícios e que tanto carinho mereceu ao seu historiador, o meu saudoso amigo, D.<sup>o</sup> Artur Lamas, que ali vivia e o acaso fez com que fôsse morrer a Paris. Para as suas curiosas obras sobre a Junqueira remeto o leitor, se quizer fazer um estudo profundo sobre as residências e alguns dos moradores dessa artéria, então arrabaldina, mas já muito preferida pelas pessoas de gosto (1).

No sítio do Altinho, sobre o mar, vê-se o antigo Forte da Estrêla, dado por D. José ao 3.<sup>o</sup> Marquês de Angeja, casa em que muitos anos depois morou Garrett e, já nos nossos dias, mas antes de ir para os Estados-Unidos, o tão conhecido Sr. Bispo de Trajanópolis, que, com certo fausto ali viveu alguns anos, com seu irmão João, e sua irmã, a Sr.<sup>a</sup> D. Helena Read da Silva, todos três já falecidos.

Numa outra parte dêsse grande casarão habitou o Conselheiro Mendonça Cortez e ali pela primeira vez na minha vida assisti a uma sessão de animatógrafo e vi mapas em relêvo, por aquele antigo lente da Universidade de Coimbra muito bem executados. Numa outra

(1) Veja a muito rara «Resenha das Famílias dos Titulares de Portugal, dos Pares do Reino e dos Fidalgos que tem exercício no Paço...» por João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Tôrres, Vol. 1.<sup>o</sup> (único publicado e não terminado), págs. 29.

(2) Vid. «Memórias dos Duques», já citadas, pág. 460.

(1) «A Rua da Junqueira», 1922; «A Ponte da Junqueira», 1923; «A Quinta de Diogo de Mendonça no sítio da Junqueira», 1924; «A Casa Nobre de Lazaro Leitão...», 1925; «Noticia historica das casas de José Ferreira Pinto Basto e dos seus descendentes na Junqueira», in: «A Fabrica da Vista Alegre. O livro do seu centenário»; «Em que casa nasceu Simão Botelho?», 1924.

parte morava ainda o conhecido médico, Sr. Dr.<sup>or</sup> Perdigão, com sua família.

Do outro lado da rua, e mais para diante, o imóvel que me parece ser a Casa-Nobre de Lázaro Leitão, embora com diferenças muito notáveis, vem assinalada como sendo a residência do Príncipe de Mecklenburg (52). Ora nessa época viveria ali, conforme diz o D.<sup>or</sup> Lamas, o Cardial D. João Cosme da Cunha, tendo ali residido pouco antes um «Príncipe de (Vebri?)», como diz o citado autor, que supõe tratar-se de um diplomata.

No ano de 1762 estava em Lisboa o Príncipe de Mecklenburg-Strelitz (1), que era o General da Cavalaria às ordens do Conde de Lippe. Suponho tratar-se do Príncipe Carlos II Luis Frederico, que nasceu em Mirow, a 10 de Outubro de 1741 e faleceu em Neustrelitz, a 6 de Novembro de 1816 (2). Muito provavelmente terá o Cardial cedido a casa ao Príncipe alemão nalguma das intermitências, que as tinha, da sua residência naquele local.

Logo a seguir assinalam-se como moradia da «Comtesse da Ega» umas casas sôbre a mesma estrada, e do mesmo lado (53). Esta Condessa da Ega era então a Vice-Rainha da Índia, D. Ana Ludovina de Portugal, segundo o meu ms., a que já fiz referência, págs. 132 (ou D. Ana Ludovina de Almada, segundo o Dicionário «Portugal...», vol. III, págs. 112, 2.<sup>a</sup> col.), já viuva de Marco António de Azevedo Coutinho, Secretário de Estado e Ministro em Londres e Paris (filha de D. Luis de Almada, Mestre sala d'El-Rei D. João V, e de sua 2.<sup>a</sup> mulher, D. Violante de Portugal, sua prima co-irmã e já também viuva, pois casara primeiramente com João Sanches de Baena), senhora que só veio a falecer a 4 de Fevereiro de 1790. Seu marido, o 1.<sup>o</sup> Conde da Ega, Manuel de Saldanha e Albuquerque, que nascera a 30 de Dezembro de 1707 e faleceu a 6 de Dezembro de 1771, na Junqueira, era filho segundo de Aires de Saldanha e Albuquerque Coutinho Corte Real, Senhor de tôda a casa, Governador e Capitão General do Rio de Ja-

neiro e Gentil-Homem da Câmara do Infante D. António, casado com D. Maria Leonor de Moscoso (filha dos 5.<sup>os</sup> Condes de Santa Cruz) e irmão do primogénito, António de Saldanha e Albuquerque, Senhor de tôda a casa e Comendas, Gentil-Homem da Câmara do Infante D. Manuel, Académico de número da Academia Real da História, Deputado à Junta dos Três Estados, falecido sem geração, tendo casado com D. Maria da Porta de Lancastre, já viuva de D. António de Lancastre, dos Comendadores de Coruche, e filha única de D. Cristovão José da Gama e de sua 2.<sup>a</sup> mulher, D. Mariana de Lancastre, viuva de Aires de Sousa de Castro.

Naquela época estava o 1.<sup>o</sup> Conde da Ega no apogeo da sua fortuna, governando a Índia, mal sabendo o que lhe prepararia para o futuro o seu amigo da véspera, que tanto o alçapremara, o ministro todo-poderoso, Sebastião José de Carvalho. Efectivamente, o 1.<sup>o</sup> Conde da Ega, senhor de tôda a casa e comendas por morte de seu irmão mais velho, foi Gentil-Homem da Câmara do Infante D. Manuel, Governador e Capitão General da Ilha da Madeira, Alcaide-Mor de Guimarães e de Soure e Vice Rei da Índia, sendo agraciado com o título de Conde por Decreto de 25 de Março de 1758, ano em qui foi governar aquele Reino. Ali foi guerreiro, conquistador e diplomata, agradando a Pombal pela execução das ordens recebidas contra os padres da Companhia. Intrigas porém lá tecidas e outras na Côrte fizeram decair o válido, que foi exonerado, mandado voltar a Lisboa e detido ao chegar, sendo conduzido à Torre do Outão. Depois de prêso mais de dois anos, dos quais vinte meses no segredo, pediu o soltassem por estar doente e quasi cego, o que conseguiu em fins de 1768. Só depois da sua morte pôde ser rehabilitado, a instâncias de sua mulher, que promoveu sempre o andamento do processo, proferindo a Relação de Lisboa sentença absolutória em 26 de Janeiro de 1779. Deixou geração.

Essas casas, onde em 1763 vivia a Condessa Vice-Rainha, estavam situadas no local onde se encontram as que ainda hoje são da Família Lamas.

Metida num jardim, com portal sôbre a Estrada, vem a seguir a habitação de «Diogo de

(1) Frei Cláudio da Conceição, «Gabinete Histórico», Vol. XV, 2.<sup>a</sup> ed., 1881, pág. 522.

(2) Ketule von Stradonitz (Stephan), «Ahnentafel-Atlas...», Berlim, 1893-1904.

Mendonça» (34), que naquele tempo mostrava ter de ambos os lados serventias, sendo a de leste, no todo ou em parte, o curso do Rio Sêco. Mais uma vez remetemos o leitor para trabalho do D.<sup>o</sup> Artur Lamas, visto que em especial o falecido polígrafo tratou desta nobre moradia, e muito bem. Diremos apenas que, sendo essa propriedade do infeliz ministro de D. José, deportado para Mazagão, habitavam a casa à data da feitura da Vista seu meio-irmão, D. João Pedro de Mendonça Côrte Real, com sua mulher, D. Domingas de Saldanha (da casa dos Morgados de Oliveira) e a filha única de ambos, D. Maria Francisca de Mendonça Côrte Real, mais tarde mulher de D. João Pedro da Câmara, Membro do Conselho Ultramarino, com geração até ao presente.

A serventia que se lhe segue para o poente, hoje o final da Calçada da Boa Hora, chamou-se, em vários tempos, e desde certa altura para baixo (conforme indica o D.<sup>o</sup> Lamas na sua citada obra sobre a casa de Diogo de Mendonça): Travessa do Pátio do Saldanha, Travessa do Saldanha, somente, e Calçada do Matadouro, êste nome em virtude de um estabelecimento daquele género que existiu em dependências da propriedade que fôra de Diogo de Mendonça, na parte denominada «Quinta da Rosa», nas trazeiras da outra onde o palácio foi construído.

Por detrás destas habitações sobre a estrada, nota-se, subindo a encosta, e dado, já se vê, o desconto da perspectiva que o fará supôr, a quem olhar para a Vista desprevenidamente, como chegando até ao Altinho, quando está para a direita da Calçada da Boa-Hora, o grande aglomerado que, sob o N.<sup>o</sup> 35, repetido, por ali se desenha, com muito casario, arvoredos, vindo até à estrada em que a quinta acaba por um muro com janelas. Tudo isso é o que na legenda se diz ser o «Pates de Saldanha» e era afinal o núcleo central do grande morgadio da Junqueira, instituído por Aires de Saldanha, que foi Capitão de Tanger, Comendador da Savacheira na Ordem de Cristo, Capitão de Malaca e Vice-Rei da Índia, casado com D. Joana de Albuquerque, filha de D. Manuel de Moura, Morgado de S. João da Praça (1).

(1) Vid. ms. já citado da minha colecção, pág. 126.

Ali se notam, no meio da quinta, as várias partes do palácio, entre elas a que tem o telhado em torreão embandeirado, que ainda hoje se conserva, mais ou menos como então seria, conhecida por «Sala dos Marechais», e que deveria ter sido uma das mais belas quadras, digna de se admirar, sobretudo em propriedades particulares da nossa capital nos Séculos XVII, XVIII e parte do XIX, antes que tudo caísse em ruína. A-pesar do palácio estar desmantelado há muito, ainda me lembro de nesse esplêndido salão ver a formosa estátua de Apolo e os lindíssimos cinco lustres que hoje, só por si, constituiriam uma fortuna. O Barão da Folgosa, que por compra foi senhor daquele imóvel, edificou um novo palácio próximo do antigo, também com belas acomodações, ao gôsto romântico, e talvez seja dessa época o gradeamento com portão central, deitando para a Rua da Junqueira, que hoje lá se vê (1).

Desde muito novo conheci aqueles palácios e aquele belo arvoredos, incluindo o célebre «pinheiro do Junot», já desaparecido e de que conservo uma semente por mim colhida. Ali se passaram, há muitos anos já, algumas tardes améssimas em tempo do 1.<sup>o</sup> Sr. Conde da Folgosa, que gentilmente emprestava tão elegante e agradável recinto a algumas pessoas do seu conhecimento que ali se reuniam, e há uma fotografia recordando a visita de estudo feita, passados anos, por alguns membros da Associação dos Arqueólogos, áqueles lugares de tamanho encanto. Dêsse grupo de estudiosos, que algumas peregrinações de tão grande interesse empreendeu pela cidade (e até por lugares mais distantes) quantos já lá vão, quantos desapareceram já do convívio dos colegas que, com os seus conhecimentos, tanto aproveitavam!

Sejam estas humildes palavras preito de saudade pelos mortos e por essas digressões, hoje felizmente renascidas pelo grupo «Amigos de Lisboa».

Duas outras casas se lhe seguem, rentes à estrada e acusando pequenas quintas, ou pátios

(1) Na «Ilustração Portuguesa», edição do jornal «O Seculo», há um curioso artigo sobre esta casa, com várias ilustrações.



arborizados, para as trazeiras. Não estão indicadas nas legendas, mas serão, uma, o palacete dos Pessanhas e, a outra, a que foi depois, muito mais tarde, já no meu tempo, da falecida Senhora Condessa de Pôrto Brandão.

Voltando um pouco atrás, vejo, na linha do Rio Sêco, uma elevação que indica a Ponte da Junqueira e, logo adiante, bem detalhado, deitando da praia para o rio, o forte de S. João da Junqueira, também inumerado, acusando os baluartes, a capela e a saída para o Tejo por larga escadaria.

Tôda a vasta área que vai do «Chão Salgado», pouco adiante da capela dos Jerónimos, até êste forte da Junqueira lembra a horrorosa sanha com que o Marquês de Pombal perseguiu a Nobreza. Por ali era o palácio do Duque de Aveiro; sôbre a praia foi armado o cadafalso em que, culpados e inocentes, sofreram a mais terrível morte, a título de castigo e de exemplo, mas em parte para saciar apetites do ministro despótico; no Palácio Real de Belem, as masmorras donde os fidalgos saíram para o patíbulo; mais acima, a casa dos Sosas Calharizes, confiscada ao seu dono, D. Manuel de Sousa, de quem já falámos e que foi morrer ao forte da Junqueira; subindo mais, na Ajuda, a casa de José de Seabra, ministro, colega de Pombal, cujo primeiro desterro é ainda um enigma da História; como enigma é o da desgraça de Digo de Mendonça, que, exercitando igual cargo, foi desterrado para Mazagão, não sem o labéu de ter querido atentar contra a vida de Sebastião José; depois, as residências dos Saldanhas, perseguidos desde certa época; na praia, o patíbulo em que acabou seus dias barbaramente João Batista Pele, que atentara contra a vida do Marquês; e por fim o forte de S. João, onde os que não foram mortos no cadafalso sofreram atrozes inclemências, morrendo por lá uns, saindo outros, como o Marquês de Alorna, ao cabo de muitos anos e só pela queda do feroz ministro, à morte de D. José, inutilizados, doentes, apodrecidos. Êsse trôço da antiga Estrada Real, a mudarem-se às ruas que o compõem alguma vez os nomes que hoje têm, como já se quiz fazer à Rua da Junqueira, para lhe pôr o do grande poeta e dramaturgo D. João da Câmara, só

deveria ter o seguinte: «Rua das vítimas do Marquês de Pombal», pois certamente em área mais limitada será impossível encontrar número igual de pessoas que tivessem sofrido, e tão duramente, as iras do implacável político.

Mas, prossigamos. Adiante da última casa descrita vê-se (N.º 36) uma outra moradia nobre, que a legenda diz ser o «Palais du Patriarcha». Ali era, efectivamente, desde certo tempo, a residência de verão patriarcal. 1834 terá feito perder à Mitra também êsse belo palácio, que muitos anos depois entrou na posse do 1.º Conde de Burnay, que dêle fez sumptuosa residência, onde deu festas magníficas, comprando, para remate, já no meu tempo, uma pequenina faixa de terreno para êste, até à estreita travessa do Conde da Ribeira (que na vista se adivinha), onde fez, para a frente, um mirante, e, para trás, uma capela, com porta para a dita serventia.

Passada a travessa, mostra-se o palácio do «Comte da Ribeyra» (37), com a tôrre da formosa capela, que é uma verdadeira igreja. Aquilo está muito diferente do que actualmente é, devendo essa magnífica residência ter sofrido grandes obras, pelos meados talvez do Século XIX. Viviam ali naquela época os 5.ºs Condes da Ribeira Grande, D. Joana Tomázia da Câmara, filha herdeira dos 4.ºs Condes, nascida a 26 de Fevereiro de 1751 e casada a 25 de Maio de 1748 com seu tio paterno, D. Guido Augusto da Câmara e Ataíde (5.º Conde pelo seu casamento), filho dos 3.ºs Condes da Ribeira Grande, que nasceu em Paris, a 30 de Junho de 1718 e foi, antes de casar, Cónego da Basílica Patriarcal, de quem houve larga geração. Com sua filha e seu genro (que era ao mesmo tempo seu cunhado), ali viveria também a viuva do 4.º Conde, D. Margarida de Lorena, filha dos 2.ºs Condes de Alvor, que segundo o ms. já tanta vez citado, em meu poder, só faleceu em 14 de Julho de 1786.

Logo a seguir, uma casa de lojas e dois pisos, indica a legenda ser a residência do «Comte almirante» (38), ou seja, dos Marqueses de Niza, Condes da Vidigueira, Almirantes do Mar da Índia, como descendentes e representantes do grande Vasco da Gama.

Os Condes da Vidigueira haviam tido casa

na Baixa, nas traseiras do Terreiro do Paço, e depois a S. Roque, sendo possível que fôsse esta da Junqueira uma moradia de verão, a que se acolhessem depois do terremoto ou pela proximidade da Côrte. Era então ali morador o VI Marquês de Niza e X Conde de Vidigueira, D. Rodrigo Xavier Telles de Castro e Silveira, que nasceu a 10 de Setembro de 1744 e faleceu a 6 de Agosto de 1785, tendo herdado tôda a casa, títulos e comendas de seu meio-irmão, o 5.º Marquês e 7.º Conde, D. Vasco José Jerónimo Baltazar da Gama, falecido, sem geração, a 4 de Maio de 1759. Eram ambos filhos da 4.ª Marquesa e 8.ª Condessa, Senhora do Almirantado da Índia (que nasceu a 8 de Fevereiro de 1712 e faleceu a 14, ou 15, de Dezembro de 1750), casada primeira vez a 12 de Junho de 1729 com Nuno Telles da Silva, Marquês e Conde pelo seu casamento, que nasceu a 29 de Novembro de 1709 e faleceu a 17 de Novembro de 1739 (de quem nasceu o 5.º Marquês de Niza, D. Vasco José, acima indicado) e casada segunda vez a 28 de Agosto de 1741 com D. João Xavier Telles de Castro, V Conde de Unhão, Marquês de Niza e Conde da Vidigueira, pelo seu casamento, que nasceu a 13 de Janeiro de 1703 e faleceu em 1766 (de quem nasceu D. Rodrigo Xavier, 6.º Marquês de Niza, 10.º Conde de Vidigueira e herdeiro da Casa de Unhão, também acima referido, por quem segue a geração até ao presente).

Dando um pulo para o alto da colina, onde já se encontra um aglomerado de casas que a certa altura desce por ela abaixo, se vê o que na legenda se chama a «Eglise et f.ª S. Amar» (39) (Igreja e bairro de Santo Amaro), notando-se perfeitamente as cúpulas daquela formosa ermida. Um prédio grande, precedido dum muro alto com janelas, suponho seja aquele enorme casarão, que, com entrada pelo começo da Calçada de Santo Amaro, faz esquina para a antiga estrada e foi moradia do já referido Conselheiro Mendonça Cortez, mais tarde propriedade de D. Duarte de Alarcão, que foi Secretário da Universidade de Coimbra e pai de meu Primo, D. Miguel Osório Cabral de Castro Homem de Almeida de Alarcão Velasques Sarmiento Correia da Fonseca e Andrade, actual Senhor da Quinta das Lágrimas, nos campos de Coimbra (que era filho do seu 1.º

casamento), e onde morou até há poucos anos, falecendo acidentalmente em Paris, sua segunda mulher, a Senhora D. Maria Emília Osório de Alarcão, que muito bem conheci, pessoa do mais fino trato e bondosa em extremo.

Mesmo em frente, sôbre a praia, ou antes: já na praia e sôbre o rio (referindo-me à época, é claro) vê-se o palácio e quinta dos Condes da Ponte e a primeira travessa à esquerda da R. da Junqueira, de quem vai para Belem, ainda atesta o local. Diz na legenda: «Comte d'aponte» (40). Deviam então morar ali a 5.ª condessa hereditária da Ponte, D. Leonor de Saldanha da Gama (por despacho e portaria do ano de 1757), casada com seu primo José António de Saldanha de Menezes e Sousa, Conde da Ponte pelo seu casamento (1), Gentil-Homem da Câmara da Rainha D. Maria I, Mordomo mor del Rei D. Pedro III, que veio a falecer, já viúva, a 25 de Maio de 1785 (2), s. g.

Em locais mal determinados e escondidos pelo palácio dos Ponte estariam a Quinta dos Césares (S. Lourenço e Sabugosa) e o Convento das Flamengas. O Convento do «Calvário» (41) é apenas assinalado e o Palácio Real, que lhe ficava fronteiro nem se vê, dando a impressão que houve ali uma falta do desenho, não se notando o palácio que fôra dos Carvalhos, (da Rua Formosa), depois do Fiuza (3) e por fim dos Barrunchos, que, por ficar já um pouco elevado, poderia ser visto, como o é exactamente onde começa aquela Vista Panorâmica (4) de que o Sr. Eng.º Vieira da Silva dá notícia e que apresenta como executada entre 1767 e 1769, portanto 4 a 6 anos apenas depois daquela que estou estudando. Depois, a dis-

(1) Vid.: «Livro de oiro da Nobreza...» por Domingos de Araújo Afonso e Ruy Dique Travassos Valdez, Vol. II, pág. 481.

(2) Vid.: «Resenha das Famílias Titulares do Reino de Portugal...», por João Carlos Feo Cardoso de Castello Branco e Tôrres e Manuel de Castro Pereira de Mesquita, Lisboa, 1838, pág. 166.

(3) Onde esteve residindo no outono de 1706, até ao dia 5 de Dezembro, el Rei D. Pedro II, dali saindo para o seu Palácio de Alcantara, onde veio a morrer no dia 9. Veja Júlio de Castilho (2.º Visconde de Castilho), «A Ribeira de Lisboa», págs. 378.

(4) Vid.: «Elucidário Nobiliarchico», Vol. II, págs. 324 e seg.<sup>108</sup>

tância é curtíssima entre êsse edifício do Calvário e a ribeira de Alcântara, que, embora não assinalada, se deixa adivinhar perfeitamente na margem.

Logo a seguir, com o n.º 42 repetido, marca-se o «fauxbourg d'alcantara», tendo exactamente na foz da ora desaparecida ribeira o Baluarte de Alcântara, com as suas três vigias aos cantos.

Mas depois, em três pontos marcados por números, há evidentemente engano, que julgo dever corrigir pela seguinte forma :

onde está :	deve estar :
45 N.ª Sr.ª das Necessidades	43 Convento de N.ª Sr.ª do Livramento
44 N.ª Sr.ª da Boa Morte	44 Convento e palácio de N.ª Sr.ª das Necessidades
45 N.ª Sr.ª do Livramento	45 Nossa Senhora da Boa Morte

É portanto o Convento do Livramento o segundo ponto assinalado, passada a Ribeira e já mais para o interior, com o N.º 45. O N.º 44 marcará sôbre êste e um pouco mais para a direita o Convento de N.ª Sr.ª das Necessidades dos Padres Oratorianos de S. Filipe Nery, com a tôrre bem indicada, tendo em frente o palácio, de construção joanina, com a capela perfeitamente à vista, com o obelisco, a praça e o muro de suporte desta, em curva, como ainda hoje se vê. Por detrás, a cêrca, a tapada das Necessidades, com o seu muro e, lá no alto (45), é que será o distante sítio de N.ª Senhora da Boa Morte. Para o outro lado, no alto, longe, com um moinho e algumas casas sumindo-se na contra-vertente, é o sítio, quási arrabaldino de Buenos Aires (46). Em baixo, já quási no extremo da Vista, o Mosteiro do Santíssimo Sacramento (47) e o sítio da Pampulha (48), que na legenda se vê, afrancesado o têrmo em : «Pampouille».

Os restantes números da legenda são agora consagrados a alguns pontos da margem esquerda do Tejo, a que no entanto não quero deixar de me referir no estudo desta primeira parte, pois êles indicam perfeitamente a sua situação em relação aos vários pontos da mar-

gem lisboeta. Assim : «Trefarias et pointe de Sable» (49) é a conhecida Trafaria, fronteira de Pedrouços, praia de pescadores, que em certa altura o Marquês de Pombal mandou arrasar, queimando-se *humanitariamente* casas, homens, mulheres e crianças. . .

Para o outro lado da legenda a «Torre Velha», que, com a Tôrre de Belem, defendia, pelos seus fogos cruzados, a entrada de Lisboa. Está desenhada mesmo em frente da Casa dos Governadores, de que lá atrás falei. E' rigorosíssimo o seu lugar. Ali, sôbre aquelas muralhas e ao seu redor, se construiu mais tarde o Lazareto, vastíssimo casarão com muito grande número de janelas. Pois lembro-me perfeitamente de, em criança, ver do terraço daquela casa, minha querida Mãe, pelos seus 45 anos, pouco mais ou menos, contar rapidamente, e sem auxílio de lente, as janelas dêsse Lazareto, na Outra Banda do Tejo.

Em frente de Belem, Pôrto Brandão (51), com a sua pequena praia, entalada entre rochas.

E por fim, três indicações de pontos que não conheço : «Arrabida» (53), «Q.<sup>ta</sup> do Comte d'acunha» (52) e «Fonte da Pipa» (54) em frente respectivamente, do Alinho, do forte de S. João da Junqueira e do Calvário.

\* \* \*

Não se julgue que, ao traçar estas linhas, tive em mente fazer uma nova «Ribeira de Lisboa», e mais dilatada ainda que a do grande Júlio de Castilho; mas não se pense também, que por minha parte, esgotei o assunto e escrevi aqui quanto sabia. Há, felizmente, muito mais e isso ficará, se Deus me der vida e saúde, para outra ocasião. As presentes palavras são, *apenas*, as que achei necessárias para elucidação da «Vista Panorâmica», que agora trago a público, com material novo, e será talvez, aperitivo para maior cometimento.

Estas últimas linhas de *aviso*, deveriam ir no final da segunda parte; fecham porem já êste capítulo por conta de certa D. Crítica de Má Morte, curiosa, mexelhona, e badaleira, que muito se havia de rebolar com a minha ignorância.

Ajuda, 20 de Fevereiro de 1938.

(Continua).

# Visita às ruínas do Convento do Carmo

Promovida pelo Grupo «Amigos de Lisboa», em 2 de Maio de 1937. —

Palestra proferida nessa ocasião

pelo Dr. EDUARDO NEVES

QUEM de direito — em ordem de serviço amável e gentil — determinou que fôsse eu o cicerone de hoje. Como o ritual impõe que haja um cicerone e as ordens não se discutem, não havia que esquivar-me, só cumprir; a despeito da consciência da insuficiência de recursos oratórios e de saber. Não vou falar para arqueólogos, a-pesar de muitos de V. Ex.<sup>as</sup> o serem e distintos, que tanto me poderiam ensinar; simples guia oficial de peregrinação de hoje como representante modesto da Junta Directiva do Grupo «Amigos de Lisboa», que em boa hora lançou a semente profícua destas peregrinações mercê do *talent de bien faire* do nosso grande amigo, de Lisboa e de todos nós, que é o nosso ilustre Secretário Geral, Sr. Luiz Pastor de Macedo.

São estas ruínas, simultâneamente, um escriptório precioso e os restos de uma grande edificação de antanho. Nelas viveu e morreu a grande Figura do seu fundador D. Nuno Alvares Pereira — beatificado já no culto da Igreja católica e santificado de sempre no Altar da Pátria. Por todos os motivos, quer como lisboetas, quer como portugueses, sabe bem nesta hora alta de revigoração do amor da terra que nos foi berço relembrar com unção a vida e a obra de Nuno Alvares por demais conhecida de V. Ex.<sup>as</sup>, exemplo vivo de bem servir e do bem viver. Nestas ruínas está hoje alojada a Associação dos Arqueólogos Portugueses e o seu Museu, precioso e rico de velharias notáveis. Visitemo-lo, pois, com interêsse pelo que contém, com respeito pela douda Agremiação que alberga e com recolhimento pela memória do seu Fundador e seus companheiros, seus antigos habitantes.

Se os títulos de alfacinha legítimo, nascido de pais lisboetas, ali em baixo, na rua do Arsenal, de sócio desta casa, o mais humilde na sua secção de Numismática e de membro da Junta Directiva do nosso Grupo, pudessem suprir a minha insuficiência, bem iria a todos, contudo Deus permitirá que não seja tão mau o meu arrazoado que não possa ser perdoado eu e quem me mandou, embora não chegue a ser tão bom, que merecesse ser ouvido, a não ser contando com a benevolência de V. Ex.<sup>as</sup>, que espero.

\*  
\* \*

Como fêz Silva Leal no seu folheto *As Ruínas do Carmo*, publicado em 1876, com o pseudónimo de Sá Vilela, para comodidade de descrição sumária falaremos sucessivamente do Monumento, do Museu, seu recheio e da Associação, sua douda administradora e conservadora. Irão pois ouvir mero sumário de catálogo falado com prólogo bebido na leitura salutar dos Monumentos Sacros, e da prosa de Nogueira de Brito, de Matos Sequeira e de tantos outros que eruditamente o têm estudado. O Monumento pertenceu à Ordem dos Frades Carmelitas Calçados, fundada em 1250 por Santo Elias, Ordem que, em Portugal, tinha a sua sede em Moura, foi fundado em 1389 pelo Condestável D. Nuno Alvares Pereira como voto pela vitória de Aljubarrota com invocação do Vencimento. Era de estilo gótico e do melhor e tinha a igreja três naves medindo cêrca de 73 metros de comprimento por 22 de largo. Silva Leal dá-lhe de comprimento total da porta ao retábulo da ca-

pela-mor 127 palmos e meio e 100 de largo por 112 palmos de altura máxima. Eram oito as primitivas Capelas com seis confrarias, a Mór, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Piedade (advogada dos partos) desculpem V. Ex.<sup>as</sup> a referência médica; Vera Cruz, Santa Luzia, (advogada da vista); Santa Ana, (também advogada dos partos); S. Roque, (advogado da peste) e Nossa Senhora do Pranto, Boa Morte e Prazeres. O Côro era à volta da Capela-Mor. Havia uma galeria à volta da igreja com uma tribuna sôbre cada uma das oito capelas. O monumento foi acabado em 1423. Foram seus architectos os Irmãos Eanes — Afonso, Gonçalo e Rodrigo — que o edificaram em terreno do Almirante Pessanha, tendo a construção ruído por várias vezes. Os seus alicerces vêm desde o Rossio, de onde vinha também uma escadaria até à Capela-Mor. Nela estiveram sepultados, entre outros, D. Nuno Alvares Pereira, Manuel Alves Pegas e o Alfageme de Santarém, etc. No seu muito querer de sempre, Nuno Alvares dissera que se ruissem de novo os alicerces os faria de bronze. Restam, por terem resistido ao terramoto, a frontaria, hoje soterrada do nível da rua e então com uma escada de alguns degraus, a Capela-Mor, onde no teto se vêem ainda vestígios do incêndio de então e onde hoje é a sala das sessões da Associação dos Archeólogos Portugueses, dois vãos de arco, junto às portas e as Capelas laterais, o resto existente são construções e consolidações posteriores. É de notar, além da fachada, a porta que deita para o elevador, o teto artezoado da Sala André de Rezende; predominam nos ornatos os arcos ogivais, encontram-se numerosas siglas e muitos dos capitéis têm figuração humana e vegetal. Aqui viveu parte da sua vida e aqui morreu, num pequeno quarto ou cela junto à portaria do convento, o seu Fundador, que nascido em Sernache do Bomjardim, em 1360, aqui faleceu em 1430 e foi sepultado, primeiro na Capela-Mor, em campa rasa, e depois trasladado para um túmulo de alabastro, mandado de França por sua quarta neta, a Duquesa de Borgonha, que o terramoto destruiu e cuja reprodução, em madeira, se vê hoje no topo da Capela-Mor. Os seus restos mortais estão e são venerados, bem como a sua imagem, na Capela da Ordem Terceira do Carmo, neste mesmo largo.

No Convento, reconstruído, aloja-se hoje a Guarda Nacional Republicana.

*O Museu* — Rico e precioso, possui alguns exemplares únicos e muito interessantes que o tempo não permite descrever, simplesmente apontar. É notável a colecção de arcas tumulares, entre as quais avultam a de D. Fernando I, em estilo gótico, datada de 1376, que está na Capela-Mor. A de D. Constança Manuel, sua mãe, na Sala Possidónio da Silva, onde primitivamente esteve seu filho D. Fernando, antiga Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, onde também estão a de D. Fernão Sanches, filho de D. Denis, notável pela estátua jacente em decúbito lateral; e a de S. Frei Gil que se diz ter pacto com o diabo, a cujos pés da estátua jacente se vê a sua figuração; e a de D. Gonçalo de Sousa, esmoler-mór de D. Afonso V e comendador-mor da Ordem de Cristo, com inscrições góticas; do Arcebispo de Lisboa, D. João da Azambuja, vindo da Igreja do Salvador; a lápide tumular do Alfageme de Santarém, na Capela-Mor, tão das relações do Fundador. De D. João de Cândia — o Príncipe Negro — falecido em 1642 no Convento de Nossa Senhora das Portas do Céu, em Telheiras, e tantas outras, sendo de destacar o sarcófago romano do século IV, tendo em relêvo Apolo e o côro das Musas, exemplar notável, seguramente único. É notável pelo valor histórico e documental — a lápide tumular vinda de S. Francisco da Cidade — pertencente à campa de Martim de Sousa, tendo, dum lado as suas armas, e do outro caracteres em língua local e vinda das ruínas do Templo da Elefanta, na ilha de Bombaim.

Na nave encontra-se a pia baptismal da Ajuda, onde foram baptizados os filhos do Sr. D. João VI. Uma bacia de pedra trazida de Azamor em 1462 pelo General Simão Correia e por êle oferecida ao Infante D. Henrique; e estátua de D. Maria I de José António de Aguiar, feita em mármore de Carrára, para ser erigida no Largo da Estrêla, e cujas figuras laterais se encontram na Avenida da Liberdade, tendo dois baixos relevos, a fundação da Casa Pia e Academia da Real Marinha aos lados. A estátua de

S. João Nepomuceno vinda da Ponte de Alcântara, do escultor António de Pádua; o tímpano da igreja das Francesinhas; uma janela de canto da época do renascimento, vinda de Santarém; o pelourinho do Couto de Évora; o Cruzeiro da Ajuda; o de S. Lázaro, vindo do Hospital do mesmo nome; três portas de estilo manuelino, uma vinda de Santa Apolónia, outra do Convento de Belém. Na Capela-Mor os azulejos setecentistas vindos do Convento de Chelas e do de Santo Elói, vários sarcófagos, pedras de armas e lápides tumulares, estudadas algumas pelo douto arqueólogo Sr. Cordeiro de Sousa, a primeira prensa para cunhar moeda, em bronze, que teve Portugal. Nas vitrines da Capela-Mor uma notável colecção de pesos e medidas, uma interessante colecção de moedas nacionais e estrangeiras, onde embora não avultem exemplares raros, é curiosa e possui numerosos espécimens, sendo de destacar um tostão de D. Manuel, outro de D. João III e quarenta réis do Brasil, de D. João VI. Uma avultada colecção de cédulas camarárias, e de sêlos entre os quais a notável reprodução do sêlo de D. Afonso V; uma colecção de medalhas e condecorações, onde avulta o exemplar único da verónica que os jesuítas davam aos caboucos do Brasil depois de convertidos ao Cristianismo. Lamas descreve como pertencendo às Missões da Baía. Por todo o Museu se encontram restos da Igreja da Ajuda, das Francesinhas, de Santa Marinha e do Salvador.

A Biblioteca, na sua especialidade rica e notável, actualmente a cargo do douto investigador Dr. João de Vilhena, na Sala D. Fernando, onde se vêem vários retratos, como os de Possidónio da Silva, Manuel da Maia, architecto das Aguas Livres; Júlio de Castilho, Costa e Silva, architecto do Palácio da Ajuda; Ludovice, architecto do Convento de Mafra; Eugénio dos Santos, architecto do Terreiro do Paço, etc., e alguns bustos de pessoas reais coevas da fundação da Associação, o busto de D. Fernando II e de Castilho, as insígnias da Ordem de S. Tiago, pertencentes à Associação. A seguir o busto de Sousa Viterbo, o modelo de madeira do erário régio, nunca construído, projectado para a Patriarcal, hoje Praça do Rio de Janeiro, cofres do erário, faianças nacionais e estrangeiras, uma numerosa, rica e interessante

colecção de objectos de pré-história, esqueleto do urso das cavernas, duas múmias trazidas do Peru pelo Visconde de S. Januário e um crânio das catacumbas de Alcobaça, um machado de pedra silex com 10 000 anos, a estátua de granito que serviu de marco na barra do Douro no século XVI e mandada construir pelo Bispo D. Miguel, um cipó romano, estátua de D. Afonso Henriques do século XII, etc.

\*

\* \*

*A Associação.* — Foi fundada em 1863 pelo architecto Joaquim Possidónio Narciso da Silva, grande estudioso e erudito amigo da cidade, também fundador do Albergue dos Inválidos do do Trabalho, por indicação de Sua Magestade o Sr. D. Pedro V. Teve primitivamente o título de Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, adquiriu o título de Real em 1872 e passou mais tarde a chamar-se Associação dos Arqueólogos Portugueses. Foram seus órgãos, sucessivamente, o *Arquivo de Architectura Civil*, o *Boletim Architectónico*, o *Boletim dos Arqueólogos Portugueses*, reaparecido depois com o mesmo título em 1931, *A Arqueologia e História* e actualmente *Os trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Pela sua presidência têm passado algumas das figuras mais notáveis da erudição portuguesa, Conde de S. Januário, Dr. Augusto José da Cunha, que ao Museu ofereceu a medalha que o pessoal da Casa da Moeda, que dirigiu, lhe ofereceu; o poeta e académico Dr. Alfredo da Cunha, o sábio mestre Prof. Dr. Leite de Vasconcelos, seu Presidente de Honra, que é médico; o Dr. Xavier da Costa, médico também, académico e escritor de arte, que há pouco fez a evocação do Leão de Ouro; o Dr. Laranjo Coelho, o Conde de Tovar, o numismata Engenheiro Raúl Couvreur, o Coronel Costa Veiga e tantas outras figuras notáveis da arte, da diplomacia, da ciência e da arqueologia. Têm sido seus Secretários-gerais, entre outros, o erudito Afonso de Dornelas, o Conde de Sampaio (D. António) que eruditamente tem estudado este edificio, particularmente a capela de Nossa Senhora do Pranto, e actualmente o Sr. António Machado de Faria de Pina Cabral,

erudito heraldista e investigador, a quem temos que agradecer as facilidades hoje concedidas. É notável a operosidade desta douta Agremiação: estudos, trabalhos, conferências, investigações, como poucas realiza e publica. Os seus Boletins e publicações são mananciais inexgotáveis de produtividade e saber, as suas secções a miúdo consultadas e ouvidas pelas instâncias oficiais e particulares.

Actualmente as designações das salas são:  
Sala Nuno Alvares — Capela-Mor.

Sala D. Fernando — Biblioteca — antiga Capela de Nossa Senhora dos Prazeres.

Sala André de Rezende — antiga Capela de Nossa Senhora da Boa Morte.

Sala Possidónio da Silva — antiga Capela de Nossa Senhora da Piedade.

Sala Afonso Domingues — antiga Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Lisboa, 2 de Maio de 1937.

#### BIBLIOGRAFIA :

*Monumentos Sacros de Lisboa.*

*Guia de Portugal*, de RAÚL PROENÇA — Tomo I.

*As Ruínas do Carmo*, SILVA LEAL—SÁ VILELA.

*Portugal Antigo e Moderno*, PINHO LEAL.

*O Arqueólogo* — BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS CIVIS E ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES.

*Catálogos do Museu do Carmo.*

*As Moedas do Museu do Carmo*, A. LAMAS. — etc.



# VESTÍGIOS VIVOS DAS MURALHAS DE LISBOA

por NORBERTO DE ARAÚJO

Da muralha que D. Afonso Henriques encontrou quando tomou Lisboa, em 1147, a sua linha exterior contava 2.020 metros, da qual 950 metros corriam no sentido normal ao Tejo.

Da outra muralha, «Cêrca Nova», que D. Fernando mandou fazer entre 1373-1375 a linha perimétrica somava 5.400 metros, já com 3.450 em sentido normal ao rio.

Que resta destas muralhas?

O assunto tem sido estudado com probidade por alguns autores, mas deve citar-se o engenheiro sr. Vieira da Silva, sobretudo no que respeita à Cêrca Moura, ou primitiva afonsina.

Quando nos referimos ao que resta cumpre distinguir o que está «à vista» — vestígio vivo — do que foi entaipado, encravado, ou é meramente conjecturável.

Porque os leitores do «Boletim» são pessoas de letras olisiponenses pouco há que lembrar do que de atentas leituras se apreendeu. O assunto, porém, é sempre interessante, e palpitante mesmo para aqueles que a esta modalidade de estudos olisiponenses se têm dedicado.

Refiro-me hoje apenas aos vestígios da «Cêrca Nova», aquela que descia de S. Lourenço à Mouraria para subir a Sant'Ana, descer ao Rossio de Valverde, subir de novo a S. Roque, depois precipitar-se quasi em recta pela porta de Santa Catarina e Duque de Bragança ao Cata-que-farás, correr a margem do Tejo ocidental, entroncar na muralha velha no ângulo da Torre da Escrevaninha adiantada, correr êsse lanço primitivo, soltar-se dêle às portas de Alfama, seguir às portas da Cruz, subir a S. Vicente e à Graça, para finalmente descer a Calçada da Graça e inserir-se, por Santo André, no vértice sudoeste da Alcáçova.

Vestígios vivos — poucos há.

Na vertente para a Mouraria encontra-se

hoje um pequeno pano de muralha e desenho de meia torre entre as Escadinhas da Saúde e a Rua das Fontainhas de S. Lourenço, por trás de um barracão de cinema que ali permanece.

E entre as Escadinhas do Jôgo da Pela e a Travessa da Palma, há um pano de muralha, que se verificou há semanas estar assente sobre terra solta, e terminando em torre limpa, situada esta na confluência daquela travessa com a Rua do Arco da Graça, praticável interiormente, e para a qual se sobe pela porta n.º 30 desta rua.

Do prédio fronteiro, em esquina, até à Calçada de Sant'Ana, notam-se panos e vestígios de torreamentos cortados, em prédios que ficam à esquerda, subindo, pela Calçada Nova do Colégio. Quasi no términus desta rua eleva-se, altaneira, o melhor documento fernandino — uma alta torre de eirado, grossa, bem mantida, certamente de baluarte importante. Encrava-se no prédio n.º 120 da Calçada de Santana, pertencente ao sr. Germano Alves Diniz, tem entrada pelo terceiro andar e deve medir no eirado cêrca de 35 metros quadrados. Prolongava-se a muralha pela porta de Santana, ou Arco, que ali se abria, até de frente da actual cortina murada a nascente das Escadinhas de S. Luís, deixando dentro o Mosteiro da Encarnação. Sobre o prédio n.º 127-129 da Calçada de Sant'Ana, construído há dois anos, após venda feita pelo Estado do terreno onde esteve a Capela do Senhor Jesus da Salvação e Paz — e que assim de todo desapareceu — existe ainda um poético mirante, restos da muralha, talvez eirado da Torre. Sob os anteparos do citado Mosteiro vê-se um retalho de muralha e um eirado — hoje terraço. Todo o Mosteiro se apoiou, de resto, à muralha da Cêrca Nova, como verifiquei.

Na Travessa do Forno os vestígios vivos são



nulos, e os encravados nas edificações são suspeitos; as construções aproveitariam o material.

Da muralha que subia por trás do Rossio a S. Roque existe hoje apenas dentro do pátio do edificio-sede da C. P., antiga Escola Académica, um pequeno lanço, sem ar de o ser, quadrado e alto, no qual está ainda, como vimos, a lápide que em 1840 ali mandou colocar Caldas Aulette, quando foi dono da propriedade. Não podemos afirmar que a lápide esteja precisamente no mesmo lugar, porque época houve — durante as obras na passagem da propriedade de Mauperrin Santos para a Companhia — em que ela foi desagregada.

No interior dos prédios da Rua Larga de S. Roque e Rua Nova da Trindade, na linha confinante, nota-se e pode ver-se do alto do terraço do edificio actual da Companhia dos Telefones, um pedaço de torre quadrada, também sem nenhum ar vetusto, tal a da lápide Aulette.

Do Largo do Chiado, antigas Portas de Santa Catarina, ao Corpo Santo, nada há «vivo»; no interior do grande prédio que encosta ao Loreto, e que foi Burnay, e noutros da antiga Rua do Tesouro Velho, hoje de António Maria Cardoso, pode adivinhar-se ou presumir-se troços de material de muralha ainda configurado; pesquisa será de pedreiros.

Do Corpo Santo ao Arco Escuro (antigo Postigo da Rua das Cangalhas, ou Porta do Mar — não a primitiva da citação de Osberno) — nada resta à superfície. O lanço primitivo (Cêrcas Moura e Nova) da Ribeira tem vestígios vivos, bem estudados pelo citado mestre

sr. Vieira da Silva, e dos quais aqui não me propus falar.

Quero citar apenas a parte da Torre no ângulo do Terreiro do Trigo, o lanço para além do Arco da Judiaria, e a Torre de Alfama, esta altamente representativa.

Dali, pelo Chafariz de Dentro, e passado o ângulo recto que levava à Porta da Cruz — nada existe.

O Postigo do Arcebispo (Arco Pequeno) desapareceu; êle se inseria em lanços, mortos hoje.

Na cêrca do Liceu de Gil Vicente, antiga cêrca Patriarcal até 1911, há uns pedaços visíveis de muralha, mas da pior configuração.

Dali à Graça e pelo postigo desaparecido do Caracol até o Arco de Santo André, desaparecido também em 1918, cousa alguma está visível.

Há 35 anos viam-se do jardim do 4.º andar de um prédio da Calçada de Santo André, n.º 40, (onde habitei por ser propriedade de minha família, e por isso ter possibilidade de devasar quintais vizinhos) trechos nítidos de quadrela, e de torre, por ventura; sei que hoje estão em «vestígio morto», isto é: anteparos de prédios da Calçada da Graça que beneficiaram de ampliações nas traseiras.

A muralha do Arco de Santo André ia inserir-se, por trás da subterrada Vila Quente, nos muros da Alcáçova.

Nada se vê hoje com nitidez.

Desta jornada, a correr, aproveite e recomponha quem souber.



# CRÓNICA

por LUIZ MOITA

**P**ODE ser-se «Amigo de Lisboa» de muitas formas. Tantas como os cambiantes múltiplos do amor. As sete cantadas colinas da nossa capital podem suscitar-nos ternura na sua ondulação caprichosa, quando o vapor cacilheiro nos trás da Outra Banda, caminho da sala imensa e grandiosa que é o Terreiro do Paço. Pode a renda da Conceição Velha desprender de nós a doce evocação do século de quinhentos, certa porta ogival da rua da Achada recordar-nos o burgo medievo dos tempos de El-rei D. Diniz, uma casa, de fachada de bico, que há ali para o Bairro Alto, em S. Boaventura, (e eu cuido deveria ser tornada monumento nacional) — dar-nos a mais flagrante notícia dum lar burguês, e senhoril, do século XVIII, com seus «tricornes» de azulejo recortado, acompanhando-nos, escada acima, e falando connosco:

— «Em casa está».

— «Quem procura V. Mercê?»

Então, Lisboa, é um permanente motivo de graça, de hoje ou de ontem, a render-nos o olhar ou a ferir-nos a imaginação. Vamos para ela, a cidade de mármore, completamente apaixonados. Seremos «Amigos de Lisboa» porque Lisboa exige e porque já nos dominou.

O amor cego, entretanto, não creio deva ser tido sempre como o melhor amor. Eu sou «Amigo de Lisboa», mas sou também o sócio número tantos do Grupo a que todos pertencemos e isso obriga-me a pensar que Lisboa tem duas faces que não é possível destacar em absoluto, a Lisboa extática, a monumental e pitoresca, essa que o Grupo «Amigos de Lisboa» visita aos domingos em tão úteis peregrinações, — e a Lisboa da população incómoda que circula, e grita, e corre, e faz o barulho que todos com paciência heróica suportamos.

Eu vou hoje aqui amar Lisboa, falando-vos de Londres. E não vos surpreenda a afirmação aparentemente paradoxal. Se do paralelo Lis-

boa sair apoucada, notai que eu só desejo evidenciar uma insuficiência, — com o fim de a ver corrigida. E tudo faço — *por bem* . . .

Há uns poucos de meses passei pela capital inglesa e ali me demorei uma semana, apenas. Sete dias são, sem dúvida, período de tempo insuficiente para ajuizar do movimento e da vida duma cidade tão extraordinária. Todavia ninguém hesitará em concluir que essa metrópole de oito milhões de almas é modelar de organização citadina e que cada transeunte, em consequência, gosa dum bem estar inexcedível. Não há encontrões, não há pressas, não há desconfianças. Cada indivíduo parece animado do desejo de não incomodar o seu semelhante. Essa preocupação resulta dum esforço tão leve que dir-se-hia não existir.

Impressionou-me, sob êsse ponto de vista, o milagre de Piccadilly Circus. Piccadilly Circus é, como todos sabeis, o centro de Londres, a sua artéria-aorta. Ali se cruza o movimento espantoso das duas artérias principais — Piccadilly e Regent Street. Passam ali por milhares em cada hora, automóveis e carros, principalmente os corpulentos «bus», vermelhos e bonitos, com as suas imperiais cheias de gente. Pois bem. Não se houve uma buzina, um «claxon», nada. À parte o ruído dos motores, ruído fatal, que há que suportar, ninguém pensa em adicionar-lhe voluntariamente a maldadesinha de um, dois, três, dúzias de berros inteiramente indispensáveis.

E certo que em Londres os automóveis não andam em corridas vertiginosas. Talvez por isso mesmo buzinas e «claxons» só são empregados nas passagens de ruas transversais de menos movimento. Mas então ouve-se apenas um toque ligeiro, uma curta advertência. E nada mais. Aquela gente, que ergueu um culto à comodidade, gosa duma vida pública invejável.

E não se imagine que os peões atravessam

as ruas apenas nas passagens obrigatórias. Sucedeu-me, como ali o movimento é pela esquerda, atravessar as ruas olhando inadvertidamente para o lado contrário e projectar-me sobre automóveis em movimento. Não raro os motoristas paravam, sem cólera, indicando-me com um gesto que completasse a travessia.

Regressado a Lisboa contemplei o movimento do Rossio, — o nosso «Piccadilly Circus» que tem uma superfície quatro vezes maior que o de Londres. A linda praça às 6, 7 horas da tarde, oferece um movimento agradável que, é evidente, nem de longe, nem de perto é comparado ao de Londres. Porém, ó «Amigos de Lisboa», que barulho! Que impaciência a de todos, que falta geral de compreensão pelo bem estar comum!

Repete-se aqui o velho terna da educação, que enquanto não cuidarmos dela não temos isto, não teremos aquilo... Vem depois a teoria velha que fala da brandura dos nossos costumes... Um, outro e outro, dirão, em comentário, atilados e preciosos conceitos, mas todos por fim encolhem os ombros com a resignação *fatal* de quem não está para maçadas e...

...e continuamos todos a sofrer a barulheira impertinente dos «claxons» de automóveis em fila, na rua do Amparo, quando o movimento se estrangulou no Marquês do Alegrete e há que esperar as ordens dum polícia sinaleiro. Os mesmos guarda-freios duma companhia inglesa, tocam furiosamente as campainhas dos seus «eléctricos», quando este não podem abrir caminho. Os expedidores do mesmo organismo também são parte na sinfonia, salpicando-a de assobios silvados, onde há um mixto de agastamento e lástima. Se até os serviços de sinalização, nêsse Rossio de D. Pedro IV, tem apitos para entrar no concêrto!

Lisboa, meus Amigos, meus «Amigos de Lisboa», é assim uma cidade infernal... Uma cidade bela, sem dúvida, mas muito malcreada...

Eu sei que beliscar nesta questão dos ruídos

é ir sacudir um assunto há muito adormecido e silencioso. E sei também que não há alvitre ou sugestão que valha para, ao menos, atenuar este estado de coisas. Quando vou (tantas vezes!) socegradamente num eléctrico lendo o meu jornal e um automóvel vertiginoso, que surge ao lado, dá brusco sinal da sua existência metendo-nos pelos ouvidos dentro uma vibração incómoda e estridente, — eu sinto, depois de acalmar uma explicável indignação, que o problema não se resolve com duas cantigas. Mas também penso que se não se trata desde já ir ao encontro da questão, uma vez que Lisboa vê aumentar a actividade das suas ruas de ano para ano, — breve teremos a sensação de que estamos todos num grande hospital de doidos...

¿ Alvitres? ¿ Sugestões?

Tudo muito difícil... Há cerca de três meses foi aprovada uma postura municipal que obriga os amadores de rádio, em suas casas, a abrirem as torneiras de seus aparelhos com discreção. Postura inútil. Inútil pelo menos para mim, de quem os visinhos se vingam, talvez conhecedores da minha fobia fadista, atirando fados, a altos berros, pela minha casa dentro...

Éstes males só deixarão de ser crónicos quando, ignorada a brandura dos nossos costumes, posturas, decretos e leis sejam promulgados para serem fielmente cumpridos. Feita, sãbiamente, a propaganda contra os ruídos, — leis, decretos e posturas poriam sob a sua alçada tudo quanto em Lisboa atentasse contra a calma e o bem estar da vida cidadina. Os automóveis não correriam vertiginosamente, nem tocariam, os seus «claxons». A rádio só poderia ser ouvida, em cada lar, com discreção, em voz baixa e de janela fechada. Lisboa, assim cuidada, seria infinitivamente mais formosa e amável, teria uma acolhedora educação. Desde o motorista de taxi ao habitante do 3.º andar esquerdo, que tem hoje à sua disposição uma peça com o calibre de 5 válvulas, todos poderiam, socegradamente, chegar-se a nós e serem, como nós, «Amigos de Lisboa».

# Descerramento de uma lápide na fachada do prédio que hoje se levanta no local onde teve a sua primeira sede o “Estudo Geral” de Lisboa

UMA NOTÁVEL CONFERÊNCIA DE  
GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

COM a presença dos srs. Dr. Caeiro da Mata, Reitor da Universidade de Lisboa, que representava o sr. Ministro da Educação Nacional; major Lobo da Costa, Governador Civil de Lisboa, Dr. Jaime Lopes Dias, que representava o sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa; Dr. Dâmaso do Rego, Reitor do Liceu Passos Manuel, doutras individualidades e representantes oficiais, academia e grande número de *Amigos de Lisboa*, realizou-se no dia 6 de Março último, por iniciativa do nosso Grupo, o descerramento de uma lápide na fachada do prédio da Calçada do Sacramento, com entrada pelo n.º 30 do Largo do Carmo, e que se levanta precisamente no local onde teve a sua primeira sede o *Estudo Geral* de Lisboa.

O acto do descerramento foi, porém, precedido de uma conferência no salão do ginásio da Secção Masculina do Liceu Passos Manuel, instalada naquêlê edificio, e a que presidiu o sr. Dr. Caeiro da Mata, ladeado pelas outras individualidades já mencionadas.

Aberta a sessão, usou da palavra o Secretário Geral do Grupo, sr. Luiz Pastor de Macedo, que agradeceu a comparência dos presentes, salientando a mesa e muito especialmente o representante do sr. Ministro da Educação Nacional.

Referindo-se depois ao conferente, seu colega na Direcção do Grupo, disse que não podia ter a pretensão de querer apresentar Matos Sequeira ao tratar-se de assuntos de Lisboa. Há circunstâncias e pessoas que ao evocar umas, immediata e automaticamente se lembram as outras. Assim, ao *falar* de Lisboa e da sua his-

tória, surgem logo, por direito conquistado, os nomes de Castilho, Vieira da Silva, *Tinop*, Gomes de Brito e Matos Sequeira, além doutros. Falando-se de qualquer dêstes ilustres investigadores, é invocar a cidade que lhes mereceu o trabalho das suas dedicações e das suas intelligências. Ora, se entre todos os olisipógrafos há um que mais rapidamente alcançasse o título de cronista erudito, e ao mesmo tempo popular, é Matos Sequeira. Esta razão justifica que o conferente que vai tratar de um interessante e importantíssimo assunto da história de Lisboa dispense, naturalmente, a apresentação.

O conferente, que foi recebido com uma prolongada salva de palmas, começou por render o seu preito de homenagem à memória de Júlio de Castilho, o autor erudito da *Lisboa Antiga*, a quem chamou seu mestre venerado. E entrando, depois, no assunto da conferência, disse que desde o século XVII todos tinham como assente que o *Estudo Geral*, criado pelo rei D. Diniz, de acôrdo com os prelados do seu tempo, tivera assento às Portas da Cruz, onde hoje se encontra a rua dos Remédios, em Alfama.

Êsse êrro derivou de uma inadvertida observação de Frei Francisco Brandão — o autor da *Monarquia Lusitana*, êsse livro útil mas perigoso para quem o consultar com pouca atenção — e consolidou-se, embora alguns investigadores, como o engenheiro Vieira da Silva, de quem traçou o elogio, tivessem pôsto o caso em dúvida. A falta de documentos não permitiu invalidar a afirmação.

O êrro de Frei Francisco Brandão, foi o de considerar, em conjunto, dois documentos que

distanciavam 102 anos um do outro, e de lhes aplicar indistintamente, as indicações toponímicas de cada um. Referia-se o primeiro ao sítio da Pedreira, onde o rei D. Diniz tinha fundado o *Estudo Geral*; e referia-se o segundo ao sítio das Portas da Cruz, onde D. João I havia doado uma casa à ordem de Santiago e na qual esteve o *Estudo Geral*. E assim se concluiu, por comodidade, que a Pedreira ficava às Portas da Cruz, quando os dois locais ficavam afastados, tendo sido um a sede primitiva da Universidade em 1291, e o outro para a sua sede também, mas em 1395.

Numa série de documentos estreitamente ligados, identificou o ilustre conferente a primeira sede do *Estudo Geral*.

Na Pedreira, onde êle esteve, era o monte que ao poente descaía sôbre o vale da baixa de Lisboa, local que nos princípios do século XIV se começava a povoar intensamente.

A casa para o *Estudo* mandou-a construir, propòsitadamente, D. Diniz, e mesmo antes da sua transferência, mais tarde, para Coimbra, em data que ainda não está bem assente, foi aquela casa doada aos judeus Navarros, arrabis-mores do Reino; dêstes, passou aos Peçanhas, almirantes de Portugal, e depois aos Menezes, condes de Viana, capitães Governadores Gerais de Ceuta, de que foram representantes até meados do século XVII, os marqueses de Vila Rial.

O bairro onde primeiro esteve o *Estudo*, e que primitivamente se chamara do Almirante, passou, depois, a chamar-se do Marquês.

O conferente, sempre escutado com grande atenção e vivo interêsse por tôda a assistência, ao relatar tôdas estas mudanças de propriedade, contou também variados e interessantíssimos episódios históricos que se passaram no edificio, como a traça política da morte do conde

de Andeiro e a conspiração de 1641 que acabou pela morte do marquês de Vila Rial e do duque de Caminha, seu filho, na praça do Rossio.

Aquêlê edificio passou depois aos condes de Valadares, que descendiam dos Vila Riais, e dêstes aos marqueses de Vagos, acabando, em virtude do inventário orfanológico, por ser vendido em praça, no mês de Janeiro de 1907, onde foi adquirido pelo comerciante Baltasar Rodrigues Castanheiro, cujos netos são os seus actuais proprietários.

Do local daquele edificio funcionaram no século XIX dois clubes elegantes e políticos. Também ali esteve, de 1885 a 1891, a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, passando depois para sede do antigo Liceu do Carmo, e sendo ocupado, presentemente, pela Secção Masculina do Liceu Passos Manuel. Parece que o Destino se comprazeu em fazer voltar a histórica casa aos escolares portugueses, a quem compete, pois, honrar as suas tradições gloriosas e a vontade nobilíssima do rei D. Diniz.

O ilustre conferente que soube prender a assistência com a sua palavra fluente e dicção primorosa, foi, no final da sua erudita exposição, longamente ovacionado.

Por fim, o sr. Dr. Caeiro da Mata, antes de se encerrar a sessão, teve palavras de merecido louvor para Matos Sequeira, a quem agradeceu em seu nome e em nome, também, do sr. Ministro da Educação Nacional, e da Universidade de Lisboa, o seu magistral trabalho de rectificação histórica, cuja probidade e clareza não deixa dúvidas a ninguém, disse, sôbre a autenticidade dos elementos investigados. E depois, ainda, de várias considerações em que citou estudos existentes sôbre a questão, aquêlê ilustre professor disse que, a-final, se sabe agora, como, quando e onde existiu o primeiro *Estudo Geral*.



# LISBOA VISTA PELOS ESTRANGEIROS

## SÉCULO XIX

*QUEM não tem visto Lisboa, não tem visto cousa boa!* Estas palavras admirativas, que o orgulho nacional inspira sempre a qualquer português habitante de Lisboa, serão reconhecidas como verdadeiras por aqueles que tiverem tido a ventura de viver sobre as margens encantadas do Tejo!... Com efeito, nada mais belo que a vista de Lisboa, chegando ao rio, ou por Aldeia Galega, ou por Cacilhas, ou pela Moita. Tenho percorrido tôda a Europa, e, exceptuando Nápoles, nada vi que me tenha penetrado de admiração como esta cidade, levantando-se em forma de anfiteatro na margem da *imensa planície de água* do Tejo. É especialmente ao vir de Aldeia Galega que o seu aspecto é o mais magestosamente imponente. No primeiro plano do quadro o Tejo, cuja largura neste sítio é de mais de duas léguas francesas, está coberto de milhares de embarcações, cujos mastros empavezados anunciam que tôda a marinha do mundo pode vir demandar asilo à baía de Lisboa. É do seio dêste lago, ou antes dêste mar, que se levantam como anfiteatro as colinas sobre que assenta Lisboa. A' medida que o barco se desvia da margem do Alentejo, descobre-se uma nova beleza no quadro que se tem diante dos olhos. A cidade estende-se sobre as colinas que limitam o rio, e se vos apresenta com os seus zimbórios, seus conventos, palácios, jardins, campos cultivados, que separam um palácio dum mosteiro, uma praça pública dum cemitério, e lhe dão, assim, aparência com uma cidade oriental; e depois desenrolam-se ao longe êsses jardins embalsamados, essas quintas, que estão em roda de

Lisboa como um rico e suave cinto. Sobre um plano mais longínquo, as rochas de Sintra formam o fundo dêsse rico quadro, fantástico de beleza...

Eis o conjunto que se vos oferece, quando, ao sairdes de Aldeia Galega, depois de terdes atravessado a árida e areienta província do Alentejo, embarcais no rio dêste nome num escaler dirigido por vinte remadores e avançais rapidamente para a cidade maravilhosa, sobre êsse rio coberto de navios de tôdas as nações... cada impulso do remo descobre uma parte dessa rica decoração, que se torna cada vez mais visível. É principalmente pela manhã, ao nascer do sol, que devemos ver dourar com seus raios (antes que sejam mais ardentes) suas novas ruas, a bela Praça do Comércio, o Arsenal, o Terreiro do Trigo e Belém com sua quinta e sua igreja gótica, Ajuda e seus pomares de laranjas e limoeiros... ao passo que o rio mais rápido e mais profundo está apertado entre as serras de Almada e se precipita para o Mar, onde se lança entre colinas que limitam o lado do sul.

Não somente o aspecto de Lisboa [oferece uma perspectiva tão rara como notavelmente bela, mas uma vez na cidade, a estranheza da direcção das suas ruas, das suas praças, a maneira caprichosa como os seus próprios defeitos se apresentam à curiosidade do estrangeiro, suas belezas, que não são comuns a nenhuma outra cidade europeia, tudo a torna uma cidade à parte entre as mais extraordinárias e dá o desejo de voltar para ela, quando já se habituou uma vez.

LAURA JUNOT, DUQUESA DE ABRANTES.  
(Dos *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal*, de 1808 a 1811.)

# OBRAS OFERECIDAS PARA A BIBLIOTECA DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA" PELOS SEGUINTESENHORES E ENTIDADES:

## CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

- N.º 1 — *Anuário da Câmara Municipal de Lisboa*, ano primeiro 1935. Volume 1.º — A actuação camarária.
- » 2 — *Conquista de Lisboa aos Mouros* (1147), Narrações pelos cruzados Osberno e Arnulfo.
- » 3 a 8, 78, 81, 115, 183 — *Lisboa Antiga* — Bairros Orientais. Volumes I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX e X, por *Júlio de Castilho*.
- » 80 — *Anuário da Câmara Municipal de Lisboa*, ano primeiro 1935. Volume 2.º — A actuação camarária.
- » 81 — *Problemas de Urbanização* — Conferências realizadas de 1934 a Janeiro de 1935.
- » 116 — *Anuário da Câmara Municipal de Lisboa*, ano segundo 1936. Volume 1.º — A actuação camarária

## SR. ENG. AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

- » 9 — *Guia de Lisboa*, em francês e inglês (1934).
- » 10 — *O namoro alfacinha* (1931), contos e crónicas, por *André Brun*.
- » 11 — *Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores, Sintra, Colares e Mafra* (1853).
- » 12 — *Illustrated Guide of Lisbon*, Estoril, Cascais and Cintra, por *Nuno Catarino Cardoso*.
- » 13 — *As Belezas de Lisboa*, Guia e roteiro da cidade.
- » 14 — *Em Lisboa*, ridículos e tipos (1903), em verso (sonetos), por *J. Duarte Elias*.
- » 15 — *Mosteiro dos Jerónimos*, história e descrição (1925), por *César da Silva*.
- » 79 — *Torre do Tombo*, crónicas dispersas, por *João Paulo Freire*.
- » 181 — *O Castelo de S. Jorge de Lisboa*, pelo oferente.

## PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

- » 16 — *Lisboa de outros tempos*, I. Figuras e cenas antigas (1898), por *Pinto de Carvalho* («*Timop*»).
- » 17 — *Lisboa de outros tempos*, II. Os cafés (1899), por *Pinto de Carvalho* («*Timop*»).

## SR. ROLANDO DA SILVA

- » 18 — *O Meu Jornal*, n.º 4, 1936, pelo oferente.

## SR. LUIZ PASTOR DE MACEDO

- » 19 — *A Rua das Pedras Negras*, Miscelânea, Lisboa (1931), pelo oferente.
- » 20 — *O antigo Terreiro do Trigo* (1932), pelo oferente.

- N.º 21 — *Crítica, correções e aditamentos à obra «Lisboa do Meu Tempo e do Passado — Do Rossio à Rotunda»*, do sr. J. P. Freire (Mário), pelo oferente.
- » 22 — *A Igreja de Santa Maria Madalena de Lisboa* (1930), pelo oferente.
- » 37 — *Enciclopédia pela Imagem*, Lisboa.

## SR.ª D. MARIA PORTUGAL

- » 23 — *Harmonia Latina*, por *Joaquim Leitão*.

## SR. BERNARDO EUGÉNIO VIEIRA FERNANDES

- » 24 — *Lisboa sem camisa*, I. Casamento da Fifi Antunes, por *Armando Ferreira*.
- » 25 — *O Pescador da Islândia*, por *Pierre Loti*.
- » 26 — *Aos Pés de Venus*, por *Blasco Ibañez*.
- » 27 — *A verdade acerca da batalha da Jutlândia*, pelo Vice-Almirante *J. E. T. Harper*.
- » 28 — *A Educação da Vontade*, por *Júlio Payot*.
- » 29 — *D. Quixote Bolchevick*, por *Ary dos Santos*.
- » 30 — *O Paraíso Bolchevista e a Mentira* — Uma viagem à Rússia, por *J. M. Ferreira do Amaral*.
- » 31 — *A Mornaça* — A revolta nos Açores e Madeira em 1931, (1935), por *Ferro Alves*.

## SR. JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES DE ABREU

- » 32 — *Breve noticia do Real Templo e Mosteiro de S. Vicente de Fora e das pessoas que néle jazem* (1863), por *J. M. D. O. Travassos*.
- » 33 — *História da fundação da Ordem Terceira do Carmo e descrição da Procissão dos Ramos*.
- » 34 — *Dos tremores de terra e em especial dos que se têm sentido em Lisboa* (1858).
- » 35 — *Paços Reais*. Separata do Boletim da Associação dos Condutores de Obras Públicas. Palestra associativa. (1902), por *António José Mimoso Ruiç*.

## SR. DR. FERNANDO FREITAS SIMÕES

- » 36 — *Viagens no Chiado*. Comentários à vida lisboeta, por *Beldemónio* — Ed. de *Barros Lobo*.
- » 38 — *Narração dos aplausos com que o Juiz do Povo . . . festeja a felicissima inauguração da Estátua Equestre . . .*
- » 39 — *Convento de Nossa Senhora dos Remédios dos Frades Carmelitas Descalços, Marianos em Lisboa . . . Acerca de Salvador Corrêa de Sá e Benevides*.
- » 40 — *Noticias acerca das ossadas e corpos dissecados*.

- dos ultimamente descobertos na ermida de S. Pedro de Alcântara... , por F. Palha.
- N.º 41 — Centenário da Índia — 1497-1897 — Mosteiro dos Jerónimos, por César da Silva.
- » 42 — Propaganda de Portugal. Melhoramentos urgentes de Lisboa — Plano Geral, por Francisco de Paula Botelho.
- » 43 — Resposta à carta de José de Oliveira Trovam e Sousa. Em que se dá notícias do lamentável successo de Lisboa (1756).
- » 44 — Dos tremores de terra e em especial dos que se têm sentido em Lisboa (1858).
- » 45 — Memória justificativa e descriptiva das obras executadas na igreja de S. Roque de Lisboa (1894).
- » 46 — Véspera do Centenário. As obras dos Jerónimos — Parecer. (1895), por Luciano Cordeiro.
- » 47 — Onde nasceu o 2.º Visconde de Santarém? Memória publicada pelo 3.º Visconde de Santarém (1913), por Jordão de Freitas.
- » 48 — A População de Lisboa — Estudo histórico (1919), por A. Vieira da Silva.
- » 49 — Notícia histórica sobre o levantamento da planta topográfica de Lisboa (1914), por A. Vieira da Silva.
- » 50/1 — Factos históricos da Comissão Central 1.º de Dezembro de 1640, ou o Monumento aos Restauradores de Portugal. Primeira e segunda parte (1885), pelo Visconde de Sanches de Baena.
- » 52 — Pôrto de Lisboa. Plano Geral dos Melhoramentos próprios para assegurar o presente e o futuro deste Pôrto (1886).
- » 53 — Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castelo, desde 1536 até 1628 (1913), por Edgar Prestage e Pedro de Azevedo.
- » 54 — Relatório da epidemia de febre amarela em Lisboa no ano de 1857.
- » 83 — Noites Jozephinhas de mirtilo sobre a infausta morte do Serenissimo Senhor D. José Príncipe do Brasil, por Luiz Rafael Soyé.
- » 84 — Pinto ou la journée d'une conspiration. Comédie. Germinal VIII, por Lemerrier.
- » 85 — Sermam na festa que se fez na colocação da Senhora da Graça... (1657).
- » 86 — Oraçam funebre nas exequias que mandou fazer... (1965).
- » 87 — Sermam historico e panegyrico do padre Antonio Vieira...
- » 88 — Oraçam funebre nas exequias Reaes da Serenissima Rainha de Portugal D. Maria Sofia... (1699).
- » 89 — Investigação das causas próximas do terremoto... (1756).
- » 90 — Sermam do glorioso S. Antonio de Lisboa... (1688).
- » 91 — A capela de S. João Baptista... Notícia histórica e descriptiva (1902), por Sousa Viterbo e R. Vicente de Almeida.
- N.º 92 — Resumo histórico da vida de Francisco da Holanda (1869), pelo Abade A. de Castro e Sousa.
- » 93 — Breves noticias das entradas que por mar e terra fizeram nesta Côte... (1729).
- » 94 — Memória histórica sobre a fundação e instituição do Real Colégio... (1858), pelo Abade A. D. de Castro e Sousa.
- » 95 — A Biblia dos Jerónimos e o Mestre das Sentenças (1932), por J. Cardoso Gonçalves.
- » 96 — Documentos politicos encontrados nos Palácios Reais depois da Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910 (1915).
- SR. ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA  
(SIDÓNIO MIGUEL)
- » 55 — Sonetos do Sol e da Plancie (1935), pelo oferente.
- » 56 — Sonetos do Vale e do Cipreste (1936), pelo oferente.
- » 130/2 — Sonetos da Montanha (1937), pelo oferente.
- SR. JOAQUIM LEITÃO
- » 57 — Primeira exposição do ex-libris em Portugal. E de tudo se passou este auto. Pelo oferente.
- » 58 — Génio da desgraça. Na hora Centenária de Camilo, pelo oferente.
- » 59 — O poço que ri. Conferência sobre R. B. Pinheiro e o seu tempo (1936), pelo oferente.
- » 60 — Harmonia Latina (1936), pelo oferente.
- » 61 — O último milagre de Santo António (1935), pelo oferente.
- » 62 — A mulher e os livros (1936), pelo oferente.
- » 63 — Asas em terra (1936), pelo oferente.
- » 64 — O capuz de Miguel Angelo (1936), pelo oferente.
- » 65 — Cabeça a prémio. Contos (1921), pelo oferente.
- » 66 — Uma época. Em marcha para a 2.ª incursão (1915), pelo oferente.
- » 67 — Uma época. Couceiro, o capitão Fantasma
- » 68 — Uma época. Os cem dias funestos (1912), pelo oferente.
- » 69 — Doutrinas politicas de Charles Maurras (1914), por Ayres de Ornelas.
- SR. MARQUÊS DE RIO MAIOR
- » 71 — O Rosário. Ano XXIX — Março-Abril 1937 — N.º 292/3.
- SR. JOAQUIM ROQUE DA FONSECA
- » 72 — A urbanização de Lisboa e o comércio da capital (1936), pelo oferente.
- ROTARY CLUB DE PORTUGAL
- » 73 — Boletim, do mês de Março de 1937 — 4 exemplares.
- SR. CAPITÃO JORGE DAS NEVES LARCHER
- » 74 — Mosteiro da Batalha — O Templo da Pátria (1932), pelo oferente.
- » 75 — Em prol dos Castelos de Portugal (1934), pelo



EDIÇÕES DO GRUPO  
**AMIGOS DE LISBOA**

---

---

*ss*

TIRAGENS LIMITADAS E ALGUMAS NUMERADAS:

	Preços de venda para o público	Preços de venda para os sócios
<i>EVOCAÇÃO DO CAFÉ MARTINHO. . . . .</i> (Quási esgotado)	7850	5800
<i>NOITE DE EVOCAÇÃO DO «LEÃO DE OURO»</i> (Quási esgotado)	7850	5800
<i>PEQUENA MONOGRAFIA DE S. VICENTE</i>		
Edição vulgar . . . . .	8800	6800
Edição especial . . . . .	20800	12800
<i>URBANIZAÇÃO DE LISBOA . . . . .</i>	2850	2800
<i>OLISIPO N.º 1 . . . . .</i>	7850	5800

*ss*

Uma grande notícia para os «AMIGOS DE LISBOA»

*Vai ser posto à venda*

# PEREGRINAÇÕES EM LISBOA

por NORBERTO DE ARAÚJO

Direcção artística de *Marins Barata*



A MAIS COMPLETA E ARTISTICA OBRA QUE SE TEM PUBLICADO SOBRE LISBOA

Para tãda a espécie de públicos e de culturas

# PEREGRINAÇÕES EM LISBOA

Cada tomo avulso 8000; por assinatura 7000

EDIÇÃO DA PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

RUA AUGUSTA, 44 A 54 LISBOA Telefone 2 6080

A SAIR  
BREVEMENTE

# LISBOA DE OUTRORA

obra póstuma de

João Pinto de Carvalho (Tinop)

o apreciado autor de

LISBOA DE OUTROS TEMPOS

coordenada revista e anotada por GUSTAVO  
DE MATOS SEQUEIRA e LUIZ PASTOR  
DE MACEDO

EDIÇÃO DO GRUPO  
AMIGOS DE LISBOA

## Livraria PORTUGALIA

*Livros Nacionais e Estrangeiros*

SERVIÇO DE ENCOMENDAS  
PARA O ESTRANGEIRO

A S S I N A T U R A S

73, RUA DO CARMO, 75

Telefone 2 0791 LISBOA

PARA TAPETES, PASSADEL-  
RAS E ALCATIFAS HÁ EM  
LISBOA UMA CASA  
ESPECIALIZADA

## QUINTÃO

32, Rua Ivens, 32 LISBOA

- oferente.
- N.º 76 — *Estudos de Regionalismo*. A divisão provincial de Portugal (1926), pelo oferente.
- » 77 — *Castelos de Portugal*. Distrito de Leiria (1933), pelo oferente.
- » 117 — *Memória histórica sobre o abastecimento da água a Lisboa até ao reinado de D. João V*, pelo oferente.
- » 122 — *Em defesa dos Castelos Portugueses*, pelo oferente.

SR. JORGE LOBO DE ÁVILA GRAÇA

- » 123 — *Memória das principais providências que se deram no terremoto que padeceu a Córte de Lisboa no ano de 1755*, por Amador Patricio Lisboa.
- » 124 — *Livro das Grandezas de Lisboa*, composto pelo padre Frei Nicolau de Oliveira e dirigido a D. Pedro de Alcobaça.

SR. ÁLVARO NUNO DA SILVA PINTO

- » 97 — *O amor e o tempo*. Novelas (1929), por Augusto de Castro.
- » 98 — *A noite sangrenta* (1924), por Consiglieri Sá Pereira.
- » 99 — *Os milhões vergonhosos* (1896), por Heitor Malot.
- » 100 — *A destruição de Paris em 1936*, pelo major Von Helders.
- » 101 — *Saúde e Fraternalidade*. História humorística dos acontecimentos políticos em Portugal desde Agosto de 1924 a Novembro de 1926, por Campos Monteiro.
- » 102 — *Bocage*. Sonetos.
- » 103 — *Em Paris*, por Ramalho Ortigão.
- » 104 — *Physiologie du mariage*. Études analytiques, por H. de Balzac.
- » 105 — *Dicionário de milagres*. Outros escritos dispersos, por Eça de Queiroz.
- » 106 — *Les mefaits de la Franc-Maçonnerie*. Conférence a la Salle Wegran, por Philippe Henriot.
- » 107 — *Encyclopédie par l'image*. La Revolution Française.
- » 108 — *Encyclopédie par l'image*. L'Aviation.
- » 109 — *La nuit en mer*, por Claude Farrère.
- » 110 — *A visão de Jesus*, 1.º volume, por António de Campos Júnior.
- » 111 — *A visão de Jesus*, 2.º volume, por António de Campos Júnior.

- N.º 112 — *La femme d'une nuit*, por Alfred Marchand.
- » 113 — *Nos actes nous suivent*. Tomme II, por Paul Bourget.
- » 114 — *O livro das cortesãs* (1917), por Albino Forjaz de Sampaio e Bento Mântua.

SR. MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

- » 118 — *Damião de Góis na Livraria Real da Música*. Achegas para a história da música em Portugal, pelo oferente.
- » 119 — *As guitarras de Alcácer e a «Guitarra Portuguesa»*. Achegas para a história da música em Portugal (1936), pelo oferente.
- » 120 — *Do sitio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda* (1935), pelo oferente.
- » 121 — *No centenário da morte de Marcos Portugal* (1933), pelo oferente.
- » 198 — *Da velha Algés* (1938), pelo oferente.

SR. FRANCISCO DE PAULA BOTELHO

- » 125 — *Mapa de Lisboa*, pelo oferente.

SR. JOHAN VOETELINK

- » 126 — *Planta de Lisboa*.
- » 182 — *Uma casa comercial de Kamper em Lisboa*, por Mr. J. Nanninga-Uiterdijk.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DOS LOJISTAS DE LISBOA

- » 127 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*. N.º 13.
- » 128 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*. N.º 19.
- » 188 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*. N.º 17.
- » 189 — *Boletim da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa*. N.º 18.

GRÊMIO DOS LISBOETAS

- » 129 — *Grémio dos Lisboaetas*. Boletim do Grémio

SR. DR. CARLOS ARRUDA FURTADO

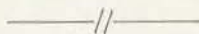
- » 190/7 — *A hygiene da Capital*, pelo oferente.

SR. CORONEL MIGUEL GARCIA

- » 184 — *História da Pátria*. Episódios históricos, pelo oferente.
- » 185 — *A Alma Nacional*, pelo oferente.
- » 186 — *A Guerra Peninsular*. Suas causas e efeitos pelo oferente.
- » 187 — *Pátria e Independência*, pelo oferente.

*Em notas sucessivas dar-se-á noticia de  
tôdas as obras que nos forem oferecidas  
para a biblioteca do Grupo*

LISTA DOS SÓCIOS APROVADOS DURANTE  
O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1938



- 381 — Herculano Nunes, jornalista  
382 — Mário A. S. Pereira Coelho, oficial do Exército  
383 — Francisco Maria Guedes Teixeira de Aguilár, estudante  
384 — Abílio Alves, comerciante  
385 — Dr. Pinto Gouveia, advogado  
386 — Ernesto da Rocha e Castro, farmacêutico  
387 — Rogério Vasco Ramalho, engenheiro  
388 — Raymundo Alves, funcionário público  
389 — Angelo Ramalheira, engenheiro  
390 — Manuel da Silva Graça, engenheiro  
391 — José Bernardino de Sousa Romano, Oficial do Exército  
392 — D. Tereza Leitão de Barros, professora  
393 — José Angelo Cottinelli Telmo, architecto  
394 — Joaquim José de Barros, oficial da Marinha  
395 — João Teixeira Durão, empregado no comércio  
396 — Antônio Thadeu, proprietário  
397 — Victor Chaves d'Almeida, comerciante  
398 — João Calixto Alves Grilo, contabilista  
399 — Antônio Manuel da Silva Leitão, empregado de escritório  
400 — José Najera Rei, perito de seguros  
401 — Júlio Vasconcelos Alves, empregado de escritório  
402 — Carlos Alberto Araújo Bobone (Condé Bobone), industrial  
403 — C. de Azevedo Nazareth, engenheiro  
404 — Sebastião José Horta e Costa Henriques, engenheiro  
405 — Joaquim Alberto Miranda da Silveira Malheiro, engenheiro  
406 — Américo Bivar de S. Dores, oficial do Exército  
407 — João José Soares Zilhão, oficial do Exército  
408 — José Baptista Júnior, proprietário  
409 — Aquiles Teixeira, comerciante  
410 — Cândido Teixeira da Silva, funcionário público  
411 — Dr. Francisco Veloso, advogado  
412 — Dr. Francisco Cortez Pinto, médico  
413 — Francisco Covas Rodrigues, comerciante  
414 — Jaime de Betencourt de Vasconcelos Thompson, comerciante  
415 — Carlos Basílio de Oliveira, comerciante  
416 — Angélico de Sousa, comerciante  
417 — José Antônio Pereira, comerciante  
418 — Dr. Antônio Dias Costa, médico  
419 — Dr. Mosés Amzalak, professor  
420 — Dr. Armando Gonçalves Pereira, advogado  
421 — Dr. Luiz Vieira de Castro, advogado  
422 — Álvaro de La Cruz Quesada Mendes, of. do Exército  
423 — Albano Pimenta de Araújo, comerciante  
424 — Artur Carvalho da Silva, proprietário  
425 — Martins Barata, professor  
426 — José Alcobia, comerciante  
427 — José Gomes Palma, proprietário  
428 — Joaquim Pinto de Lima, comerciante  
429 — Dr. José Cassiano Neves, médico  
430 — Norte Júnior, architecto  
431 — Luiz Américo de Freitas, engenheiro  
432 — Acácio de Sá Campos, contabilista  
433 — Dr. Alfredo da Cunha, proprietário  
434 — Carlos Sampaio Garrido, diplomata  
435 — Armando Guimarães, gerente comercial  
436 — Baltazar da Silva Costa, architecto  
437 — Luiz Alexandre da Cunha, architecto  
438 — Dr. Augusto da Cunha, advogado  
439 — Maximiliano Alves, escultor  
440 — Francisco Neves Pereira, funcionário público  
441 — José Carlos Santos, engenheiro-industrial  
442 — Artur Maciel, jornalista  
443 — Alberto Gaspar, empregado bancário  
444 — Dr. Caetano Beirão, publicista  
445 — Adolfo Leitão Ferreira, proprietário  
446 — Jaime Moreira de Carvalho, médico  
447 — Joaquim Mendes Arnaut Pombeiro, médico  
448 — José Júlio de Almeida da Costa Pereira, oficial do Exército  
449 — Antônio José Rodrigues, oficial do Exército  
450 — Caetano Joaquim dos Reis, empregado no comércio



## RESUMO, POR PROFISSÕES, DOS SÓCIOS APROVADOS NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1938

Advogados . . . . .	5	Farmacêuticos . . . . .	1
Arquitectos . . . . .	4	Funcionários públicos . . . . .	3
Comerciantes . . . . .	11	Industriais . . . . .	1
Contabilistas . . . . .	2	Jornalistas . . . . .	2
Diplomatas . . . . .	1	Médicos . . . . .	5
Empregados bancários . . . . .	1	Oficiais do Exército . . . . .	7
Empregados no comércio . . . . .	3	Oficiais da Marinha de Guerra . . . . .	1
Empregados de escritório . . . . .	2	Peritos de Seguros . . . . .	1
Engenheiros . . . . .	8	Professores . . . . .	3
Estudantes . . . . .	1	Proprietários . . . . .	6
Escultores . . . . .	1	Publicistas . . . . .	1

---

## RESUMO GERAL, POR PROFISSÕES, DOS SÓCIOS ACTUAIS DO GRUPO

Advogados . . . . .	23	Funcionários públicos . . . . .	25
Agentes de publicidade . . . . .	1	Guarda-livros . . . . .	3
Arquitectos . . . . .	8	Industriais . . . . .	9
Artistas teatraes . . . . .	6	Inspectores . . . . .	1
Banqueiros . . . . .	1	Jornalistas . . . . .	26
Caricaturistas . . . . .	1	Juizes de Direito . . . . .	2
Comerciantes . . . . .	52	Médicos . . . . .	36
Construtores civis . . . . .	1	Médicos veterinários . . . . .	2
Contabilistas . . . . .	3	Notários . . . . .	4
Desenhadores . . . . .	1	Oficiais do Exército . . . . .	23
Despachantes officiaes . . . . .	4	Oficiais da Marinha de Guerra . . . . .	7
Diplomatas . . . . .	3	Perito de Seguros . . . . .	1
Empregados bancários . . . . .	24	Pintores de arte . . . . .	4
Empregados no comércio . . . . .	24	Professores . . . . .	20
Empregados de escritório . . . . .	12	Proprietários . . . . .	32
Engenheiros . . . . .	44	Publicistas . . . . .	10
Estudantes . . . . .	5	Realizadores cinematográficos . . . . .	2
Escultores . . . . .	2	Repórteres fotográficos . . . . .	1
Farmacêuticos . . . . .	2	Solicitadores . . . . .	1

---

## RECTIFICAÇÃO

Na lista anterior saíram, por lapso, algumas profissões e nomes trocados e estropiados que agora se rectificam:

- 15 — Manuel Hermenegildo Lourinho, médico
- 25 — Eduardo de Faria, publicista
- 168 — Alvaro A. Ferreira da Cunha, repórter fotográfico
- 183 — António Ribeiro de Sousa Lopes, publicista
- 378 — João Duarte, proprietário.





